



**Instituto de Psicologia - Departamento de Psicologia Escolar e do  
Desenvolvimento - PED**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

---

**XII CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA  
CLÍNICA E INSTITUCIONAL  
2016/2017**

**Coordenação: Profa. Dra. Maria Helena Fávero**

**TRABALHO FINAL DE CURSO**

**ALTERNATIVAS NO ATENDIMENTO PSICOPEDAGÓGICO  
DE UM ADOLESCENTE COM DISLEXIA**

**Apresentado por: Magda Cambraia Fonseca de Araújo**

**Orientado por: Professora Dra. Fatima Ali Abdalah Abdel Cader Nascimento**

**BRASÍLIA, 2017**

**Apresentado por: Magda Cambraia Fonseca de Araújo**

**Orientado por: Dra. Fatima Ali Abdalah Abdel Cader- Nascimento**

## RESUMO

Este trabalho teve por objetivo propor e avaliar alternativas de intervenção psicopedagógicas com um adolescente com diagnóstico de Dislexia. Participou deste estudo um sujeito de 12 anos, do sexo masculino, cursando o sétimo ano do ensino fundamental, com dificuldades na escrita e leitura. O procedimento adotado consistiu na realização de entrevistas, sessões de avaliação e intervenções psicopedagógicas. As atividades propostas pautaram-se em atividades lúdicas com jogos, leitura e produção escrita de textos. Utilizamos também vídeos e músicas e ferramentas tecnológicas. Os resultados demonstraram que o estudante possui atitudes positivas em relação às regras, destreza, concentração, domínio, criação de estratégias e curiosidade com os jogos psicopedagógicos; em relação a escrita os dados mostraram aglutinação, omissão ou acréscimo de letras, fato que expressa o processo de construção da escrita na transição da fase alfabética para a ortográfica; movimentos inadequados para realizar o registro escrito, letras ilegíveis; consegue utilizar o dicionário na verificação da grafia. O uso do computador e do celular mostraram-se ferramentas importantes no processo de aprendizagem. Os dados permitem concluir que a releitura do próprio registro, localização de prováveis erros ortográficos, uso do dicionário, uso computador e do celular, mostraram-se atividades significativas no processo de ensino e aprendizagem da escrita.

*Palavras chave:* Aprendizagem na adolescência. Estratégias de autorregulação da escrita. Dicionário. Dificuldades no registro escrito.

## **ABSTRACT**

This study aimed to propose and evaluate alternatives of psychopedagogical intervention with an adolescent with diagnosis of Dyslexia. A 12-year-old man, enrolled in the seventh year of primary school, had difficulties in writing and reading. The procedure adopted consisted of interviews, evaluation sessions and psychopedagogical interventions. The proposed activities were based on playful activities with games, reading and writing texts. We also use videos and music and technology tools. The results showed that the student has positive attitudes regarding rules, dexterity, concentration, mastery, strategy creation and curiosity with psychopedagogical games; In relation to writing the data showed agglutination, omission, addition of letters, fact that expresses the process of writing construction in the transition from the alphabetical to the orthographic phase; Inadequate movements to perform the written record, illegible letters; Can use the dictionary in the spelling check. The use of the computer and the cell phone have proved to be important tools in the learning process. The data allow us to conclude that the re-reading of the register itself, the location of probable orthographic errors, dictionary use, computer and cell phone use, have shown to be significant activities in the teaching and learning process of writing.

*Keywords:* Adolescence learning. Strategies of self-regulation of writing. Dictionary. Difficulties in the written record.

## ÍNDICE

I/ Introdução .....	4
II/ Fundamentação Teórica.....	6
2.1 – O processo de aprendizagem e desenvolvimento humano .....	6
2.2 – Os desafios da aprendizagem formal na adolescência.....	8
2.3 -A Dislexia e o Transtorno de Déficit de Atenção: conceitos, origem, características e estratégias para superação .....	9
III/ Método de Intervenção .....	15
3.1/ Sujeito.....	15
3.2/ Procedimentos Adotados .....	16
IV/ A intervenção psicopedagógica: da avaliação à discussão de cada sessão de intervenção. ....	18
4.1/ Avaliação psicopedagógica .....	18
-Sessão de avaliação psicopedagógica 1 (15/3/2017).....	18
- Sessão de avaliação psicopedagógica 2 ( 2/4/2017).....	21
-Sessão de avaliação psicopedagógica 3 (23/4/2017).....	29
4.2/ As Sessões de Intervenção.....	33
-Sessão de intervenção Psicopedagógica 1(23/5/2017).....	33
- Sessão de intervenção psicopedagógica 2(24/5/2017).....	35
-Sessão de intervenção psicopedagógica 3(30/5/2017).....	37
- Sessão de intervenção psicopedagógica 4(06/6/2017).....	40
-Sessão de intervenção Psicopedagógica 5(20/6/2016).....	43
- Sessão de intervenção psicopedagógica 6(21/6/2017).....	45
-Sessão de intervenção psicopedagógica 7(27/6/2017).....	47
V/ Discussão geral dos resultados da intervenção psicopedagógica .....	50
VI/ Considerações finais.....	55
VII/ Referências.....	57

## **I/ Introdução**

Ao longo de muitos anos como educadora, passei por várias experiências com estudantes que apresentam dificuldade de aprendizagem, muitos com diagnósticos e outros mesmo sem diagnóstico, porém todos com desafios a serem superados. Essa situação, levou-me a realizar o curso de Especialização em psicopedagogia, com vistas a compreender melhor a relação entre aprendizagem e desenvolvimento humano, bem como compreender o papel do outro nesta relação. Assim sendo, para o desenvolvimento deste trabalho, optei por trabalhar com um estudante que apresenta dificuldades de aprendizagem.

Desta forma, este estudo representa uma síntese do que realizamos com o participante, identificado como KSM de 12 anos. Ressaltamos que o mesmo apresenta dificuldade no processo da aprendizagem da leitura, escrita e interpretação de textos, bem como, possui laudos com indicação de Dislexia e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade - TDAH.

Com base nas características específicas do estudante, organizamos este trabalho em duas partes: fundamentação teórica e método. O objetivo deste estudo consiste em descrever os procedimentos de intervenção psicopedagógica que foram desenvolvidos com o participante, bem como apontar as possibilidades frente a relação aprendizagem e desenvolvimento na adolescência.

A primeira parte, na fundamentação teórica, abordamos estudos que foram divididos em três itens: o processo de aprendizagem e desenvolvimento humano, os desafios da aprendizagem formal na adolescência e por último a Dislexia e o Transtorno de Déficit de Atenção - conceitos, origem, características e estratégias para superação.

A segunda parte deste estudo apresenta o método de intervenção, primeiramente, destacamos algumas características do sujeito, em relação ao perfil, relações familiares e escolares, bem como relatamos coisas que o mesmo gosta e não gosta. Na sequência descrevemos os procedimentos realizados nas fases da avaliação e intervenção psicopedagógica.

Os procedimentos consistiram em entrevista com a família, com o participante, atividades com jogos de estratégia, uma prova de leitura e escrita, proposta por Fávero (2017), palavras cruzadas e produção espontânea de textos. Já na intervenção desenvolvemos atividades com jogos de estratégia, vídeos, músicas, atividades de leitura, escrita, entrevistas e interpretação de textos e produção de texto espontânea com a utilização de ferramentas tecnológicas.

Por fim, apresentamos os resultados e a discussão teórica dos mesmos com ênfase nos processos que despertaram o interesse do participante, bem como evidenciamos considerações acerca de novas possibilidades de intervenção com o estudante com o objetivo de melhorar o processo de leitura e escrita.

Acreditamos que este trabalho destaca o papel social e cultural da escola, como responsável pelo processo de ensino, de transmissão dos conhecimentos sistematizados e incentivo as potencialidades dos estudantes. Defendemos, neste trabalho, que os profissionais da educação precisam assumir uma postura de acolhimento e programas educativos específicos de apoio aos estudantes com demandas específicas para acessar os conteúdos científicos.

## **II/ Fundamentação Teórica**

### **2.1 – O processo de aprendizagem e desenvolvimento humano**

A aprendizagem é um processo de apropriação dos conteúdos historicamente acumulados pela humanidade. Ao aprender o ser humano altera os padrões de desenvolvimento humano. O processo de aprendizagem é distinto do processo de aquisição do conhecimento. Ao falarmos de aquisição referimo-nos ao processo natural de apropriação dos conhecimentos disponibilizados no contexto das experiências, desde que haja imersão do sujeito nessas experiências. Já a aprendizagem consiste nas experiências do sujeito com o objeto do conhecimento mediada pela ação do outro mais experiente, segundo uma perspectiva interacionista do desenvolvimento humano, conforme propõe Piaget (apud Fávero, 2014). Portanto, adotaremos o termo aprendizagem para nos referirmos ao processo de assimilação, acomodação e equilíbrio do conhecimento pelo sujeito.

Seguindo este raciocínio, na medida em que aprende o sujeito altera o desempenho no contexto sociocultural, sendo assim ele se desenvolve. Todo o processo de aprendizagem e desenvolvimento é permeado pela interação entre as condições herdadas (equipamento de processamento das informações, sistema nervoso central e periférico) e as condições do ambiente (experiências vivenciadas). Aliado a interação destas duas condições primordiais, há fatores que podem direcionar e determinar a aprendizagem, entre eles podemos citar os fatores emocionais, as relações e as experiências vivenciadas fora do ambiente escolar e na própria escola.

Assim sendo, a aprendizagem é fruto da interação estabelecida pelo sujeito e o ambiente, mediado pelos signos linguísticos. Neste processo, a família é vista como a primeira instituição social responsável pelas primeiras experiências de aprendizagem e de socialização do indivíduo, Estudos evidenciam que a família provoca um impacto significativo e uma forte influência nas crianças, que aprendem as diferentes formas de existir, de ver o mundo e construir as suas relações sociais. Assim, as experiências vivenciadas no espaço familiar constituem no arcabouço de conhecimentos prévios, os quais o indivíduo levará consigo para outras experiências, em outros espaços sociais. Neste contexto, de aprendizagem e desenvolvimento humano, surge a escola como a segunda instituição responsável por oferecer conhecimentos sistematizados e permitir ao sujeito

aprender e desenvolver com base em novas ferramentas: leitura, escrita e noções básicas de conhecimento matemático.

A escola na sua função social é um local que reúne diversidade de conhecimentos, atividades, regras, valores e diferenças, conforme salienta os trabalhos de Mahoney (2002). É, nesse espaço físico, psicológico, social e cultural que os indivíduos processam situações de aprendizagem que influenciam o processo de desenvolvimento global. A rotina, as atividades programadas e realizadas em sala de aula e fora dela viabilizam este processo de aprendizagem e desenvolvimento humano (Rego, 2003). Portanto, o sistema escolar, além de envolver um conjunto de pessoas, com características diferenciadas, inclui um número significativo de interações contínuas e complexas, pois as pessoas possuem ritmos e processamento de informações distintos. A presença da diversidade muitas vezes não é considerada pelos profissionais de educação, muito menos pelo sistema escolar, uma vez que a forma como está organizado o currículo e a prática pedagógica não permite que as especificidades do desenvolvimento humano sejam consideradas. Ressaltamos que em termos legais há leis, diretrizes, resoluções que estabelecem a importância da acessibilidade, da adequação curricular, porém na prática cotidiana da escola, este é um processo em desenvolvimento.

Provavelmente, seria necessário que afetividade e cognição estivessem juntos no contexto escolar. A este respeito, Wallon (apud Fávero, 2014) salienta que a afetividade e a cognição são processos que andam juntos. A afetividade é o motor que viabilizará a aprendizagem de novos conhecimentos. Assim sendo, a escola constitui-se em um ambiente multicultural que abrange também a construção de laços afetivos, viabilizadores da aprendizagem, bem como possibilitarão melhores condições para a inserção do sujeito no contexto social (Oliveira, 2000).

Rego (2003) defende que a escola e a família compartilham funções sociais, políticas e educacionais, na medida em que contribuem e influenciam a formação do cidadão. Ambas são responsáveis pela mediação do conhecimento culturalmente organizado. Quando o indivíduo acessa novos conteúdos modifica as formas de funcionamento psicológico, pois ele internaliza os signos que redimensionam o pensamento.

Marques (2001) destaca que a função da escola no século XXI tem como objetivo principal estimular o potencial do aluno, levando em consideração as diferenças socioculturais que favoreçam a apropriação dos conteúdos historicamente elaborados pela humanidade. O autor

coloca três objetivos que são comuns e devem ser buscados pelas escolas: 1/estimular e promover o desenvolvimento em níveis físico, afetivo, moral, cognitivo e de personalidade; 2/ desenvolver a consciência cidadã e a capacidade de intervenção no âmbito social; e, 3/ promover uma aprendizagem de forma contínua, propiciando, ao aluno, formas diversificadas de aprender que favoreçam a sua entrada no mercado de trabalho, promovendo atividades ligadas aos domínios afetivo, motor, social e cognitivo, de forma integrada à trajetória de vida da pessoa. Assim como Wallon, Marques (2001) enfatiza a importância das tarefas desempenhadas em sala de aula que favorecem as formas de pensar e aprender, tais como memória seletiva, criatividade, raciocínio abstrato, pensamento lógico, tendo o professor uma função preponderante nesta mediação.

Na escola, os conteúdos curriculares asseguram a instrução e apreensão de conhecimentos, havendo uma preocupação central com o processo ensino e aprendizagem. Enquanto que na família, os objetivos se diferenciam, favorecendo o processo de socialização, a proteção, as condições básicas de sobrevivência e o desenvolvimento de forma integral. Portanto, a família e a escola surgem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos de aprendizagem, sendo responsável pelo seu crescimento no aspecto físico, intelectual, emocional e social, conforme destacamos inicialmente.

## **2.2 – Os desafios da aprendizagem formal na adolescência**

Os problemas de aprendizagem afetam negativamente a vida escolar, familiar, social e afetiva de muitas crianças e adolescentes, o que muitas vezes leva ao sofrimento e perda de autoestima. Sofrem, também, os pais e cuidadores, sentindo-se impotentes frente às dificuldades do filho no processo de assimilação, processamento, armazenamento, retenção, recuperação e utilização do conhecimento.

As causas das dificuldades de aprendizagem são muitas, entre elas podemos destacar: aspectos relacionados à metodologia de ensino adotada pelo professor regente, a interação estabelecida entre o professor e o aluno, interação dos alunos entre si, a organização do currículo. Este, muitas vezes, está inadequado às necessidades do estudante. Aliado a estes fatores, há os de ordem emocional, familiar, além dos fatores vinculados as alterações no desenvolvimento em função da presença de transtornos, deficiência sensorial, motora, intelectual ou mental.

Dentre os fatores que podem gerar dificuldades de aprendizagem, do ponto de vista orgânico, podemos relacionar alterações no sistema sensorial e alterações de ordem neurológicas diversas. Ressaltamos que a presença do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade – TDAH entre outros, alteram os padrões de acesso ao conhecimento veiculado no ambiente escolar. Vygotsky (1998), afirma que as pessoas com deficiência conseguem construir rotas alternativas para assimilação dos conteúdos do ambiente, desde que o ambiente, o grupo social, viabilize adequações necessárias de acesso as informações e a formação, mas quando o sistema nervoso estiver alterado, os processos de aprendizagem e desenvolvimento podem sofrer alterações significativas.

Diante deste contexto, abordaremos brevemente acerca das prováveis causas das dificuldades de aprendizagem, com ênfase nos transtornos funcionais específicos em leitura: Dislexia e TDAH – Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. Pretendemos desvendar se a Dislexia é um distúrbio próprio do sujeito ou se os ditos sintomas da Dislexia revelam atitudes de apropriação da língua escrita por parte do aprendiz. No próximo item, iremos resgatar as duas posições. De um lado, a posição de autores vinculados à área da saúde que defendem que a origem da Dislexia é neurológica, ocorrendo em indivíduos que apresentam inteligência normal, porém com rendimento escolar insatisfatório. Por outro lado, os autores do campo das ciências humanas e sociais que defendem que a Dislexia é fruto de um processo não consolidado de alfabetização e letramento na primeira infância, cujas causas encontram-se no contexto sociocultural.

### **2.3 -A Dislexia e o Transtorno de Déficit de Atenção: conceitos, origem, características e estratégias para superação**

Ao abordarmos o tema da Dislexia acreditamos ser necessário conhecer o significado da palavra com base no dicionário, partindo do pressuposto que a Dislexia é uma dificuldade, não uma impossibilidade de aprendizagem e desenvolvimento. Assim, segundo o dicionário de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1999) o termo Dislexia vem do grego: “*dis*” + “*léxis*”. O prefixo /Dis/ significa mau funcionamento, disfunção, enquanto *lexia*, refere-se a palavra, ação de falar. Assim, Dislexia significa disfunção da palavra, a manifestação ocorre no processo de aprendizagem da leitura e/ou na escrita. (Whiaker e Pinto, 2004).

Ao examinar diversos trabalhos sobre Dislexia, pode-se afirmar que existem várias definições, entre elas, o aspecto histórico da construção deste conceito. O primeiro autor a traduzir o conceito de dislexia para o Brasil, foi Reinold Berlin, em 1884. Ele a definiu como sendo algo que ocorria em pessoas com a inteligência preservada, mas apresentavam dificuldades para a leitura, já em 1952, o neurologista norte-americano chamado Samuel Orton trouxe em seus estudos com soldados, informações que a Dislexia aparecia quando eles sofriam lesões no lado esquerdo do cérebro. Posteriormente a esse estudo, os profissionais especializados nessa área passaram a considerar a Dislexia como consequência de uma causa neurológica. (Frank, 2003).

Assim, Dislexia foi definida como uma condição presente em pessoas que manifestam um potencial de processamento de informação normal, mas que apresentam dificuldade em ler. A definição de maior consenso é a que defende ser a dislexia uma alteração que ocorre no processo da aprendizagem da leitura. Esta dificuldade ocorre mesmo que o ensino seja convencional, a inteligência adequada e as oportunidades socioculturais sejam adequadas e incentivadoras, ainda assim, há uma deficiência no processo de assimilação da leitura.

Capovilla (2002) destaca que os distúrbios de leitura e escrita atingem de forma severa cerca de 10% das crianças em idade escolar, este dado aumenta se considerarmos os distúrbios leves, chegando ao percentual de 25% (Capovilla, 2002; Piérart, 1997). Logo, é essencial a condução de pesquisas sobre avaliação e intervenção em situações em que haja a suspeita da presença de distúrbio de leitura. Os dados presentes no trabalho de Capovilla (2004) estão coerentes com os dados que constam no manual dos transtornos escolares, 2013. Segundo este manual, a dislexia é um transtorno que atinge de forma severa cerca de 10% das crianças em idade escolar, o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, o TDAH, está presente em cerca de 5% da população em idade escolar, é um transtorno comportamental com maior incidência na infância e na adolescência.

Estatística decorrente do censo demográfico de 2010 mostra que o número de pessoas que declararam algum tipo de deficiência no Brasil é de 46.606.048. Esta informação aponta para um crescimento no número de pessoas que declarou anteriormente algum tipo de deficiência no Censo Demográfico realizado em 2000 que eram 24.600.256. Destas pessoas “[...] 1,4 milhões de crianças possuem o transtorno mental identificado como TDAH”. A Organização Mundial de Saúde (OMS) reconhece o TDAH como um transtorno mental comum em crianças e altamente tratável. Estudos

mostram que as consequências do TDAH é a maneira como afeta a identidade, comprometendo negativamente as relações sociais.

Na presença do TDAH a interferência nos processos de aprendizagem ocorre em função da instabilidade de atenção, processo que demanda uma observação atenta dos profissionais da educação. Acredita-se que seja necessário observar e analisar a questão da desatenção nos estudantes. É necessário que observe se os estudantes com TDAH são desatentos ou desatendidos, pois sabemos que temos um sistema educacional que não consegue atender a todas as demandas, muitas vezes insuficientes para um bom atendimento nas dificuldades de aprendizagens independentes de transtornos.

Entre os comportamentos típicos de crianças com TDAH estão a dificuldade em focar um único objeto, a fácil distração, dificuldade na organização e perda de materiais escolares podem ser comportamentos presentes no processo de escolarização desses estudantes. A literatura ressalta casos de crianças falantes e inquietas, como também casos em que os estudantes diagnosticados apresentam timidez e falam pouco. Ambos os casos, podem oferecer prejuízos no desempenho das atividades educacionais e no convívio social. Portanto, acreditamos que o caminho da educação pode ser uma das alternativas eficazes para que o sujeito aprenda a criar rotas de autorregulação interna do próprio comportamento e desempenho nas experiências cotidianas.

Autores como Capovilla e Capovilla (2004), Ianhez e Nico (2002) reconhecem estas dificuldades e sugerem que, ao atender um estudante com diagnóstico ou com suspeita de Dislexia, o profissional da educação necessita assumir algumas estratégias no contexto escolar. Sugerem-se que ao trabalhar com um estudante disléxico ou com outro transtorno de aprendizagem, esteja sempre atento as demandas individuais, privilegie um lugar mais próximo do professor, estimule o estudante a realizar perguntas e a solicitar ajuda. Os autores destacam que é importante evitar a visão clínica da Dislexia ou do TDAH, pois mesmo em condições especiais a aprendizagem ocorre. O contato com o material escrito pode ser uma alternativa viável, uma vez que o signo linguístico é a ferramenta dos processos de pensamento, a língua escrita pode viabilizar novas rotas de compreensão da informação.

Outro aspecto levantado pelos estudos desenvolvidos por Capovilla e Capovilla (2004) ponderam que a não aprendizagem ou as dificuldades de assimilação dos conhecimentos vinculados a leitura e a escrita podem estar relacionados a um déficit fonológico. Neste sentido,

destacam que os problemas de leitura e escrita não são decorrentes de distúrbios visuais e sim de distúrbios específicos relativos ao processamento de informação fonológica.

Há evidências de que crianças diagnosticadas com Dislexia e TDAH apresentam tendência a um mau desempenho na escola e mais dificuldades de aprendizado, principalmente relacionadas a transtornos de leitura e escrita e de expressão de linguagem. De acordo com Barkley (2002), o nível de habilidade dessas crianças está abaixo do de crianças sem o transtorno.

Toda esta discussão leva-nos a rever que o processo de desenvolvimento da escrita não resulta de uma simples cópia realizada de forma mecânica e tradicional, mas é um processo de construção pessoal, conforme mostra os estudos desenvolvidos por Lúria (1989), na década de 30 e por Emília Ferreiro na década de 90. Ambos os autores mostram que a pessoa, seja ela criança ou adulta, ao se apropriar da língua escrita reconstrói o percurso histórico desta língua. O processo possui marcas características de cada fase e evidenciam processos de apropriação do conteúdo de forma individualizada, sendo que cada aprendiz lida com a informação e com os conflitos, bem como cria estratégias de resolvê-lo de forma autônoma. Portanto, entende-se que a evolução da escrita alfabética dar-se-á de forma processual, momento em que o aprendiz passará por diferentes etapas até chegar ao domínio satisfatório da própria língua.

Para Lúria (1994) a escrita é um importante técnica sociocultural, que uma vez aprendida, afeta as funções psíquicas superiores. Lúria se questiona à respeito dos mecanismos de apropriação dessa técnica, criada pela humanidade para cumprir duas funções fundamentais: uma mnêmica e uma função de comunicação. Lúria afirma:

“Um adulto escreve algo se ele quiser lembrar-se dele ou transmiti-lo aos outros. As atitudes do grupo desenvolvem-se bastante tarde na criança. Portanto esta segunda função da escrita não aparece quando ela ainda se encontra em seus estágios embrionários”. (Lúria, 1994, p. 99)

Assim sendo, sobre a evolução histórica da escrita, Lúria (1994) defende uma postura na qual a escrita precisa ser ensinada dentro do contexto social, nas funções de uso no coletivo e não como um instrumento restrito a instituição educacional. Neste sentido, afirma que:

“[...] o desenvolvimento da escrita prossegue ao longo de um caminho que podemos descrever como a transformação de um rabisco não diferenciado para um signo diferenciado. Linhas e rabiscos são substituídos por figuras e imagens, e estas dão lugar a signos e nesta sequência de acontecimentos está todo o caminho do desenvolvimento da escrita, tanto na história da civilização como no desenvolvimento da criança”. (1994, p.161)

Na mesma linha de raciocínio Ferreiro (1995, p. 42) evidencia que a: “A leitura e a escrita têm sido tradicionalmente consideradas como objeto de uma instrução sistemática, como algo que deva ser ensinado e “cuja aprendizagem” suporia o exercício de uma série de habilidades específicas”. Porém, devemos entender que escrita não é um produto escolar, mas sim, um objeto cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade e sendo um objeto cultural, a escrita cumpre diversas funções culturais. As crianças se relacionam com a linguagem escrita, percebendo sua utilização, características e modalidades, muito antes de seu ingresso na escola. O próprio nome da criança, que é o primeiro texto com real significado, o nome de seus familiares, livros de histórias infantis que costuma ouvir em casa, enfim, existe um mundo de textos ao redor da criança que permite que ela interaja com a escrita em diferentes contextos de uso.

A interação com o material escrito por si só, não é suficiente para que a criança compreenda a língua escrita e, dessa forma, várias fases vão passando no processo de recriação do sistema de signos sociais. Como consequência dessa situação, pode se acentuar as dificuldades de aprendizagem que acabam levando o estudante à evasão escolar, reprovação e favorecendo para que ele se torne um analfabeto funcional, à margem da sociedade. Dentro dessa dificuldade de aprendizagem, o estudante acaba sendo acometido por alguns distúrbios, conhecidos como transtornos funcionais específicos, entre eles a Dislexia.

Autores da área ponderam que a presença dos diagnósticos pode gerar problemas de aprendizagem, porém os estudos de Massi (2004, p.183) apontam que a Dislexia é um problema não só de ordem biológica como também social. Em suas discussões, ao considerar as políticas educacionais da França após a Segunda Guerra Mundial, eles afirmam que estudos da Psicologia escolar e das Ciências Humanas, contestam a natureza orgânica a respeito da origem das dificuldades de escrita. Afirmando a existência de disputas entre a Medicina e as ciências cognitivas, a respeito das dificuldades da escrita. Levando em consideração que as ciências sociais e humanas direcionam a fatores sociais e pedagógicos, enquanto que as ciências da saúde buscam causas e justificativas orgânicas para a não aprendizagem. Dois universos distintos, dois olhares que nos instigam a conhecer as especificidades, os argumentos de ambos os campos do conhecimento.

Na mesma linha de raciocínio, Massi (2004) apresenta uma tese na qual apresenta dois polos distintos para se ver a Dislexia: médico ou pedagógico. O primeiro, está vinculado às ciências da

saúde cujas causas são orgânicas (funcionamento cerebral, fatores genéticos, dificuldades cognitivas) e outro às ciências humanas, cujas causas estão vinculadas aos fatores sociais e culturais como, letramento, singularidades individuais dos processos de aprendizagem e fatores educacionais (didática, procedimentos metodológicos do professor, materiais, relação afetiva, entre outros). Portanto, a autora em sua tese, salienta a importância desta discussão na área educacional, processo em construção de novas perspectivas de intervenção, caminhos que precisam ser construídos.

Diante deste contexto, buscaremos conhecer, avaliar e tentar construir procedimentos de intervenção psicopedagógica com um estudante com 12 anos de idade, com diagnóstico de Dislexia e suspeita de TDAH. Passaremos agora a descrever a metodologia assumida, neste trabalho de cunho psicopedagógico, no sentido de ter elementos para discutir melhor as situações de aprendizagem do nosso participante.

### **III/ Método de Intervenção**

#### **3.1/ Sujeito**

Participou deste estudo um estudante de 12 anos, do sexo masculino, matriculado no 7º ano de uma escola pública da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, localizada em uma região administrativa a aproximadamente 27km do Plano Piloto. O estudante está na mesma escola desde 2016 não há situação de reprovação. Reside numa cidade do DF, mora com os pais e mais um irmão na cidade de Ceilândia. Por sua residência ser distante da escola, ele utiliza de forma independente o transporte público da cidade.

O estudante foi selecionado mediante indicação das professoras da sala de aula regular e a pedagoga da Sala de Apoio e Aprendizagem. Segundo estas professoras o estudante apresenta dificuldades de aprendizagem, principalmente, na disciplina de Português e no registro escrito. KSM possui laudos e relatórios médicos de uma neurologista da rede pública do Distrito Federal, realizados em outubro de 2016 e março de 2017. Segundo estes relatórios o estudante possui Dislexia e apresenta sinais de desatenção e dificuldade de concentração (CID 10, F90 + R 48.0). Os relatórios apontam a presença da alteração, porém afirmam que “[...] a inteligência está preservada, normal”.

Na entrevista com a família, o pai relatou que seu filho é um adolescente tranquilo e obediente, porém quando assiste televisão se desliga do mundo e acaba deixando de fazer suas obrigações nos poucos momentos em que está em casa, como as tarefas escolares e serviços domésticos. Falou ainda que o estudante está matriculado na Escola Integral, um projeto que é oferecido aos estudantes, atividades no contra turno. Sobre essas atividades, KSM faz aula de reforço às segundas e quartas das 14h às 16h30 min, aula de violão na terça e na quinta-feira, das 14h às 14h50 min, em seguida começa a aula que ele mais gosta, que é a capoeira no horário de 14h50min às 15h40 min e todas as terças tem atendimento na Sala de Apoio à Aprendizagem das 16h às 17h30 min.

O pai trabalha numa gráfica e a mãe é diarista, os dois ficam o dia toda fora de casa, portanto os serviços domésticos são divididos entre os irmãos o que causa desavenças entre os mesmos. Segundo o pai ao sair da escola às 12h15min, o filho almoça todos os dias na casa de uma

tia que mora perto da escola, o que facilita a sua frequência nas aulas oferecidas no contra turno. A professora conselheira da turma do estudante relatou que desde o ano passado a mãe só esteve na escola uma vez. Quando acontece a reunião bimestral, somente o pai comparece.

Na escola desde o ano anterior, os professores se queixam sobre a aprendizagem do aluno, relatando que sua leitura é razoável, interpreta, entende bem os comandos das atividades pedagógicas em sala de aula, mas apresenta muita dificuldade na escrita das palavras, frases e textos. Troca letras, escrita ilegível e lenta, caderno desorganizado e na hora de colorir mapas por exemplo, há muita falta de coordenação motora. Foi sugerido pelos professores ao estudante aulas de reforço das disciplinas de Matemática e Português oferecida pela Escola Integral. E, por ter sido, anteriormente, diagnosticado com TDAH, Transtorno de Atenção e Hiperatividade, o aluno foi indicado por seus professores como um caso prioritário no atendimento à Sala de Apoio à Aprendizagem.

O atendimento realizado na sala de apoio à aprendizagem, tem como objetivo acompanhar o processo de ensino e aprendizagem, com o uso de estratégias pedagógicas que visam sanar as dificuldades de aprendizagem, minimizando o fracasso escolar. Este serviço destina aos alunos com transtornos funcionais específicos, é realizado com o estudante por uma pedagoga uma vez por semana, sendo duas aulas de 50 minutos cada, no contra turno da mesma escola.

### **3.2/ Procedimentos Adotados**

A avaliação psicopedagógica foi desenvolvida em três fases: avaliação inicial, intervenção e avaliação final.

A avaliação inicial teve início no mês de março de 2017. Inicialmente, estabelecemos contato com a família do estudante e com a escola, apresentamos o objetivo da proposta. Ressaltamos que o trabalho está vinculado ao curso de psicopedagogia da Universidade de Brasília. Ponderamos que o trabalho será uma intervenção de cunho psicopedagógico, com vistas a contribuir com o processo de aprendizagem e desenvolvimento do participante em relação a leitura e registro escrito.

Após a assinatura do Termo de Consentimento e Concordância - TCC da família e do estudante em participar da nossa intervenção psicopedagógica, iniciou-se os procedimentos de

avaliação inicial. Para tanto, na avaliação inicial realizamos um encontro para a entrevista com o estudante e uma sessão de avaliação das habilidades e desempenho do estudante na leitura e escrita.

Na entrevista foram destacados alguns aspectos como a vida dele em família, relações sociais na escola e com amigos, a escola e a aprendizagem, disciplinas que mais gosta, que menos gosta, relação com os professores, seus gostos, lazer e escolhas. Depois desenvolveu-se atividades voltadas para uma sondagem das habilidades e desempenho do participante em relação a leitura e escrita.

As atividades propostas na Prova de Avaliação Psicopedagógica da Escrita e Leitura levaram em consideração o desenvolvimento da conceitualização da linguagem escrita através de situações envolvendo as competências na escrita, leitura e na compreensão de textos, tais situações consistiram em atividades de: 1/história em quadrinhos, 2/ organização sequencial de fatos, 3/ organização de frases, 4/ escrita de falas em história em quadrinhos, 5/ finalização de uma história; e, 6/ redação espontânea.

Realizaram-se três sessões de avaliação inicial com duração de aproximadamente 50 minutos, com um encontro por semana, na terça-feira.

Após as sessões de avaliação inicial desenvolveram-se as atividades de intervenção psicopedagógica, voltadas para a ampliação de vocabulário e interpretação de textos. Os encontros ocorreram toda terça-feira, na sala de apoio e aprendizagem da escola do participante. Cada encontro teve a duração aproximada de 50 minutos, sendo previstos 8 encontros de intervenção. As atividades propostas voltaram-se para leitura de textos do campo de interesse do estudante, como: capoeira, sudoku, palavras cruzadas, além de outras atividades relacionadas a percepção e interpretação.

A avaliação final consistirá em uma entrevista com o estudante e na leitura e na produção escrita de textos.

#### **IV/ A intervenção psicopedagógica: da avaliação à discussão de cada sessão de intervenção.**

##### **4.1/ Avaliação psicopedagógica**

###### **Sessão de avaliação psicopedagógica 1 data: (15/3/2017)**

###### **Objetivos:**

- Esclarecer a natureza do trabalho psicopedagógico que será realizado;
- Conhecer a opinião do participante acerca de suas relações sociais na escola, com os amigos e a família através da realização de uma entrevista;
- Conhecer o que o participante gosta e não gosta de fazer.

###### **Procedimento e material utilizado:**

O procedimento de avaliação será realizado na sala de apoio à aprendizagem da escola com os participantes sentados lado a lado para dar início a primeira sessão. Os materiais utilizados nessa sessão foram a entrevista impressa em folha A4, caneta, lápis, revista em quadrinho da turma da Mônica. Iniciamos a conversa explicando o objetivo do trabalho e da sessão. A entrevista gerou em torno de assuntos vinculados aos temas: família, quantos moravam na casa, como se relacionavam, sobre o trabalho dos pais, os irmãos mais velhos, os amigos, quem eram seus vizinhos e as brincadeiras de rua. Enfatizamos também coisas que ele mais gostava de fazer, lazer, escola, disciplinas que mais gostava e as que menos gostava, dos professores e dos amigos da escola.

###### **Resultados obtidos e discussão**

Após o estudante concordar e permitir gravar a entrevista. Iniciamos nosso diálogo direcionado para os itens previstos no nosso roteiro. Durante o desenvolvimento da entrevista, o estudante mostrou-se bem alegre e simpático, sempre sorrindo, fazia gestos com as mãos e com o corpo. Respondia as perguntas vagarosamente e, às vezes, notei que fazia pausas ao falar e, também, se entristecia. Observamos que ele utilizava uma postura incorreta ao sentar, porém muito

comum entre adolescentes na sua faixa etária. Sempre debruçava-se sobre a mesa, ao falar levantava as mãos sobre a cabeça e algumas vezes notei que ele dava um espécie de tapa na testa, demonstrando ter esquecido alguma parte que queria falar.

Durante a entrevista, o participante sempre folheava as revistas e reconhecia alguns personagens. Falou que gostava muito de ler gibi da turma da Mônica. Identificou os personagens Cebolinha, Mônica, Magali e o Cascão. Seleccionamos alguns trechos da entrevista, os mesmos constam no Quadro 1.

Quadro 1: Entrevista com o participante da intervenção psicopedagógica

1. O que gosta de fazer quando não está na escola?

R. Gosto de ver TV em casa. Assisti anime e netflix.

2. E na sua família, como é o dia a dia de vocês? Vocês fazem alguma coisa juntos?

R. Não me dou bem com meu irmão, ele me bate. Só assistimos TV juntos.

3. Como é sua mãe e seu pai? Eles trabalham?

R. Sim. Minha mãe é diarista e chega em casa estressada, porque a gente não arrumou a casa e meu pai trabalha numa gráfica. Ele é calmo com a gente.

4. Você tem amigos na rua onde mora? Vocês brincam? De quê?

(Ficou pensativo ao contar quantos amigos tinha na rua). R. Tenho vários. A gente brinca de baralho e picadeirinha.

5. Sobre o que conversam?

- Ficou em silêncio e pensativo. Não respondeu à pergunta.

6. Qual a matéria que mais gosta e a que menos gosta? Por quê?

R. Gosto mais de educação física, é mais divertido, não gosto muito de história, a mais fácil é ensino religioso. E a mais difícil é matemática.

7. O que você não gosta?

R. Não gosto de lavar louça e meu irmão me manda lavar só na hora que tô vendo TV e me bate. Há, não gosto de quiabo. Odeio! (risos)

8. E o que mais gosta?

R. Gosto de pizza, capoeira e de cinema. Mais já tem mais de dois anos que não vou.

9. Que filme assistiu?

R. Hotel Transilvânia. (Mostrou-se triste e pensativo ao falar sobre o cinema.)

Fonte: Transcrição da entrevista com o participante.

Nota-se na entrevista que o participante reclama da relação com a mãe e com o irmão mais velho, já destaca sua preferência pela proximidade com o pai. Quanto às atividades que mais gosta de fazer, cita o cinema, a televisão. Observei uma tristeza em seu olhar quando disse que gostava de cinema, porém não ia com frequência. “fui uma vez só, assisti o filme ‘hotel transilvânia’, mas já faz tempo uns dois anos”. Falou ainda que a comida mais gostosa é a pizza e sorrindo disse: “odeio quiabo”. (Risos). Fez referência a morte do gato, sem entrar em detalhes, neste momento, mudou a expressão do rosto, ficou triste. No entanto, ao finalizarmos a entrevista falando sobre a capoeira, imediatamente ele demonstrou alegria em seu semblante.

Ao observar sua maneira de falar, sentar e as expressões do corpo, notamos que há mudanças no seu humor, ele sorri e entristece conforme o contexto e o assunto que está sendo abordado, em seguida esboça mais sorrisos. Quando falamos do pai ele demonstrava mais alegria, o que nos faz pensar que existe mais afinidade e afetividade com o pai do que com a mãe e quanto aos irmãos é uma relação meio conturbada. A literatura evidencia que durante a adolescência a pessoa encontra-se em processo de adaptação as transformações que estão ocorrendo no corpo e no cérebro, sendo comum conflitos entre irmãos e com os próprios pais. Este é um processo de alto afirmação, de busca de autonomia. Portanto, o relato evidencia um adolescente com comportamentos esperados para sua idade.

Essa relação de afetividade que ocorre entre familiares faz parte do desenvolvimento integral, do sujeito. O que nos remete a Piaget, e Inhelder (1992 apud Fávero, 2014, p. 189-190), quando afirmam que o aspecto cognitivo das condutas consiste na sua estruturação e o aspecto afetivo na sua energização, ou economia, dois aspectos, ao mesmo tempo, irreduzíveis, indissociáveis e complementares, havendo assim, um paralelismo entre o desenvolvimento cognitivo e o desenvolvimento afetivo.

Os dados obtidos na entrevista evidenciam que o participante, é um menino educado, alegre e tranquilo, apresenta vocabulário, manifestações linguísticas comuns a faixa etária que se encontra. Além disto, gosta de revista em quadrinhos, capoeira, cinema, programas de televisão, parece ter no pai uma referência forte, bem como possui conflitos com a mãe e irmãos, não gosta de tarefas domésticas. Possui plena consciência e autorregulação do que deve ou não falar com

adultos. Exemplificando, ele mantém silêncio quando perguntado sobre o que conversa com os colegas da vizinhança, postura respeitada.

A primeira sessão foi fundamental, pois ela nos mostrou o mundo que motiva o estudante, como: papel de pai, baralho, regras da brincadeira de pic-bandeirinha, pizza, capoeira, filme e educação física. Dentre estas possibilidades de situações que proporcionam prazer poderíamos inserir várias atividades, entre elas: receita de pizza, cardápio de pizza, tipos de pizza, origem da pizza, capoeira, música do jogo de capoeira, história da capoeira no Brasil e no mundo, cinema, sinopse do último filme que assistiu no cinema, tipos de cinema e educação física. Dentre as possibilidades de intervenção optamos por dar continuidade aos encontros trabalhando a história em quadrinho, mas o leque de possibilidades que a entrevista mostrou foi fantástico.

#### **- Sessão de avaliação psicopedagógica 2 – (2/4/2017)**

##### **Atividade com o Jogo da velha**

##### **Objetivos:**

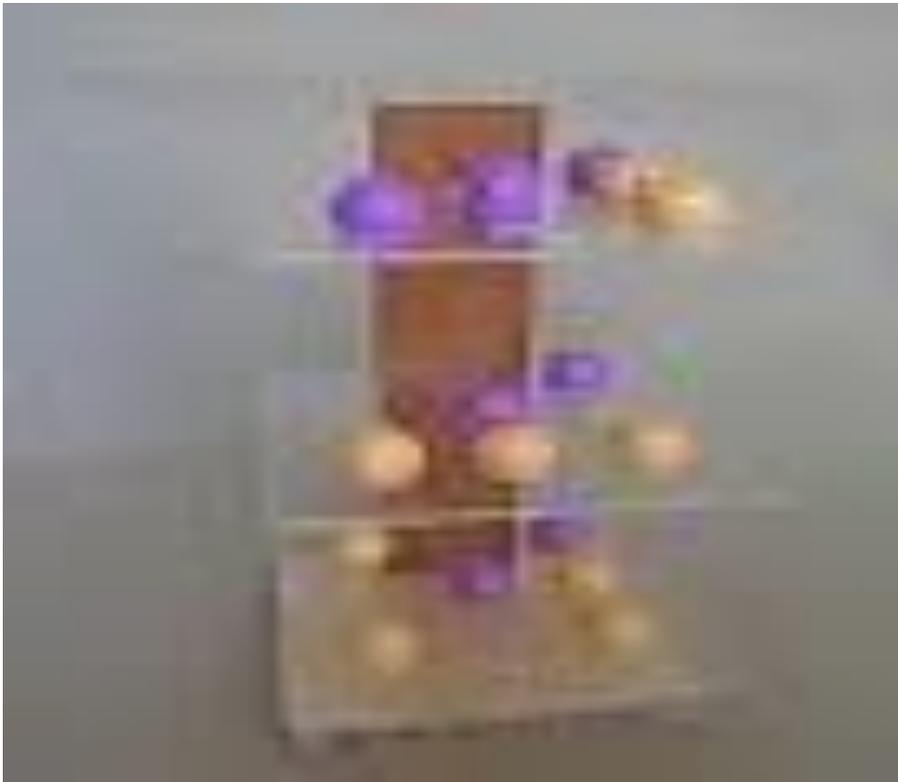
- Avaliar a compreensão em relação a noção de direção espacial: vertical, horizontal e inclinada;
- Incentivar a participação em um jogo tradicional, o jogo da velha, estimulando a leitura e a retenção das regras do jogo;
- Avaliar a percepção, persistência e a concentração durante o jogo;
- Conhecer as respostas do estudante frente aos resultados do jogo da velha.

##### **Procedimento e material utilizado**

Preparamos a sala de apoio com o jogo da velha. Deixamos reservado o computador para a realização de uma pesquisa caso fosse necessário e uma revista infantil, chamada picolé bem próxima do espaço em que o estudante se acomodaria.

Inicialmente, planejamos apenas observar o contato do aluno com o jogo da velha, o que ele faria diante do material, qual sua atitude frente ao brinquedo, como ele manipularia o jogo, se já conhecia, se já havia jogado, se tinha ideia das regras, enfim, pretendíamos conhecer a iniciativa, confiança e autonomia do estudante frente ao objeto. Além da nossa observação, estabelecemos um diálogo durante a ação do sujeito com o objeto. O material utilizado foi um jogo da velha em 3

D, conforme Figura 1. Pretendemos também iniciar a partida com o estudante e observar as reações do mesmo durante o jogo.



*Figura1: Jogo da velha 3 dimensões. Fonte: jogo da velha 3D utilizado na avaliação psicopedagógica.*

## **Resultados e discussão**

Nos acomodamos, sentando lado a lado e iniciamos uma conversa sobre jogos. Com o jogo da velha sobre a mesa, o participante mostrou-se interessado, pegou e manuseou o brinquedo, bem como iniciou um jogo espontaneamente, neste momento estabelecemos um diálogo com o estudante. O Quadro 2 mostra um trecho do diálogo estabelecido com o estudante sobre o jogo da velha.

Quadro 2: Trechos do diálogo sobre o jogo da velha.

Após o sujeito manusear e jogar espontaneamente o jogo da velha, jogamos juntos. Nota-se que o estudante já tinha experiência com a brincadeira na versão bidimensional, possuía conhecimentos das três posições presentes no jogo, manifestou interesse no jogo e teve a iniciativa

1. Você conhece esse jogo?

R. Não, mais achei legal! (Observou e complementou dizendo que): Conheço aquele do papel.

2. Qual o nome desse jogo? R. Jogo da velha 3D.

3. É a primeira vez que você o joga? R. Em 3 D sim.

4. Você sabe o significado das palavras horizontal, vertical e inclinado ou diagonal? Respondeu fazendo gestos com as mãos. Horizontal é assim (mostrou a posição correta), vertical é assim (demonstrou a posição correta) e diagonal é inclinado pro lado. 5. Muito bem, você acertou!

de começar uma partida com a pesquisadora. A seguir, colocamos algumas regras do jogo, explicamos como seriam as jogadas na diagonal, na vertical e na horizontal. Entregamos as orientações do jogo para que ele lesse. Aproveitamos e retomamos os conceitos de diagonal, vertical e horizontal. Após introduzirmos as regras, realizamos algumas jogadas, observando como se concentrava, quais estratégias utilizava. Como o jogo permitia vários acertos nas posições citadas, houve empates, e ganhos individuais entre os participantes do jogo.

Ele muito curioso começou a colocar as bolinhas nas fendas do jogo aleatoriamente sem saber do que se tratava. Quando a pesquisadora perguntou que jogo era esse, ele respondeu: “não sei mais achei legal”.

Logo em seguida ele descobriu o nome do jogo, escrito abaixo com letras em caixa alta, sorriu e disse o nome do jogo. Quando perguntei se havia jogado, ele imediatamente disse que só o antigo. Jogamos por uns 10 minutos, criando estratégias e explorando os conceitos de vertical, horizontal, inclinado e/ou diagonal. O estudante ao explicar esses conceitos, fez gestos para explicar, demonstrando ter conhecimento, jogou com segurança e realizou estratégias.

Fomos felizes com a escolha do lúdico para iniciar a sessão, o estudante mostrou-se bem interessado. Fizemos essa escolha por saber que a atividade lúdica é uma poderosa estratégia, é um grande laboratório para a aprendizagem, que, segundo Syders (1916-2011), pedagogo francês, pensou o lúdico como um prazer que conduz à construção do conhecimento. Portanto, o jogo se mostrou uma excelente porta de entrada de informações para o universo do nosso participante. Talvez fosse interessante montar jogos específicos com os conteúdos vinculados ao ano que o estudante está matriculado.

## **B/ Prova de Avaliação da Escrita e da Leitura**

**Atividade: Sequência cronológica de uma história.****Objetivos:**

- Organizar a sequência cronológica da história em quadrinhos soltos;
- Montar a história em quadrinhos, colar em uma folha branca a sequência correta dos fatos;
- Avaliar a compreensão da sequência da história e a habilidade na leitura e interpretação dos fatos.

**Procedimentos e materiais utilizados**

Primeiramente entregou uma história em quadrinhos da turma da Mônica, com quatro fatos, recortados, no qual ele deverá fazer a organização de acordo com a ordem cronológica dos acontecimentos. Foi solicitado que o estudante realizasse a leitura em voz alta dos enunciados das questões. Posteriormente, faria a leitura dos diálogos antes da colagem, se necessário chamar a atenção para a correção de um possível erro. Logo após a leitura dos fatos fazer a colagem na ordem dos acontecimentos numa folha branca, e novamente realizar uma leitura. Os materiais usados nesta sessão foram histórias em quadrinhos, folhas A4, cola e tesoura.

**Resultados obtidos e discussão**

O estudante pegou o material, leu as instruções em voz alta de forma pontual, sem quebra no ritmo da leitura, não realizou nenhuma pergunta a pesquisadora. Ao ser questionado se havia entendido o que era para ser realizado o estudante confirmava que tinha entendido o que precisava fazer. Na sequência, pegou os recortes da história em quadrinhos e olhou um por um, realizou segmento de leitura. Após analisar cada quadrinho o estudante começou a ordenar os fatos. Neste momento, a pesquisadora questionou se estava correta a sequência. Diante deste comentário o estudante realizou uma revisão da história, lendo cada quadrinho e confirmando que os acontecimentos estavam na ordem correta.

Portanto, notamos nesta atividade que o estudante não apresentou nenhum grau de dificuldade, sendo a atividade realizada rapidamente e com precisão, tendo utilizado da leitura silenciosa para avaliar a sequência organizada. Provavelmente a associação da ilustração e o material escrito contribuiu com o bom desempenho do estudante.

**Atividade: Reconstituição de uma frase com sentido**

### Objetivos:

- Reconstituir uma frase com palavras soltas;
- Estabelecer relações entre as palavras formando uma frase com sentido;
- Dar sentido ao conjunto de palavras por meio da formação de uma frase;
- Ler e dar significado a frase construída.

### Procedimento e materiais utilizados:

Nessa atividade, o objetivo era a reconstituição de uma frase com sentido. A frase sugerida foi “Por que devemos estudar todas as regiões brasileiras em nossas escolas”. As etapas para a realização da atividade foram: 1/ Organização das palavras já recortadas previamente antes de colá-las na folha A4; 2/ Leitura silenciosa e em voz alta; 3/ Colagem das palavras ordenando-as formando a frase selecionada previamente pela professora. Os materiais utilizados foram: 11 pedaços de papel cada um contendo uma palavra da frase, cola e folha A4.

### Resultados obtidos e discussão

O estudante pegou cada papel, realizou a leitura em voz com entonação baixa de cada palavra, depois pegava as palavras e tentava montar uma frase. Neste processo, ele organizou as palavras antes de colá-las na folha A4, leu em voz baixa e colocou as palavras, ordenando-as. O estudante não percebeu que havia caído duas palavras no chão. Desta forma, o estudante montou a seguinte frase: “Por que todas as nossas regiões brasileiras são escolas?”, conforme, Figura 2

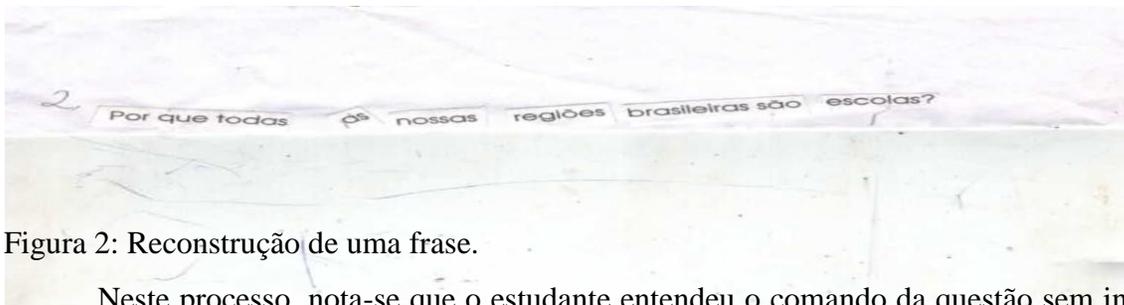


Figura 2: Reconstrução de uma frase.

Neste processo, nota-se que o estudante entendeu o comando da questão sem intervenção da pesquisadora. No entanto, ao organizar a frase, ao ler o texto produzido com o grupo de palavras, o estudante não percebeu a ausência dos verbos ‘devemos – estudar’. Mas, destacou que a frase começava com letra maiúscula e terminava com um ponto de interrogação. Ao ser questionado se

faltava alguma coisa, ele disse que não. No entanto, quando ele leu a frase, imediatamente, notou que faltava alguma coisa e disse: “Está sem sentido!”.

Nota-se que o estudante consegue ter plena consciência de que não completou a tarefa de forma satisfatória, ponto importante uma vez que demonstra que ele possui processo de autorregulação, por meio do uso da leitura. No entanto, não percebeu que fichas com algumas palavras estavam no chão. Em situações semelhantes, faz-se necessário chamar a atenção para que o estudante volte a questão e tenha um olhar atento para o espaço, buscando localizar palavras ausentes na frase.

De acordo com Vygotski (apud Fávero, 2014, p. 303) em situações como estas cabe ao profissional da educação ler e orientar o estudante na localização do problema. Uma das alternativas, seria chamar a atenção para que o estudante olhasse na mesa, no chão e tentasse verificar se alguma palavra caiu. Este processo seria a mediação da aprendizagem, destacando a importância de verificar o espaço e rever o registro escrito.

#### **Atividade: produção escrita de diálogos registrados em balões**

##### **Objetivo:**

- Analisar a compreensão e contexto de uma história em quadrinhos;
- Conhecer as estratégias utilizadas pelo estudante na elaboração dos diálogos;
- Organizar a sequência de um diálogo com coerência e coesão.

##### **Procedimento e materiais utilizados**

Entregar uma história em quadrinhos com 6 fatos sem as falas. Espera-se que o estudante observe a ilustração dos quadrinhos e faça comentários sobre os mesmos. Além disso, solicitaremos que o estudante realize a leitura do comando da atividade. Posteriormente, deverá criar o texto correspondente as imagens, realizando o registro escrito das falas dos personagens dentro dos balões na história em quadrinhos entregue. Para tanto, utilizaremos os seguintes materiais: uma história em quadrinhos com 6 fatos sem as falas, lápis preto, borracha e lápis de cor.

##### **Resultados obtidos e discussão**

Nesta atividade de escrita dos diálogos nos balões tivemos como objetivo, a análise e a compreensão dos fatos na construção do texto. Solicitamos ao estudante que lesse o comando da

atividade para desenvolvimento da mesma. Durante a atividade, foi possível notar que o estudante realizou uma observação atenta dos quadrinhos, não realizou nenhum comentário verbal sobre o enredo, simplesmente, olhou e começou a escrever nos balões. A Figura 3 mostra a produção do estudante nesta atividade.



Figura 3: Produção em balões

Nota-se no registro escrito presente na Figura 3 que inicialmente, o estudante utilizou letra em caixa alta, por iniciativa própria. No entanto, sem perceber, o estudante misturou as letras em caixa alta maiúsculas, minúsculas e escrita cursiva, realizando a alternância dos três registros. Portanto, não manifestou padrão de registro das letras, fato que não interfere na compreensão do texto, porém evidencia a necessidade de uma intervenção voltada para a redefinição dos modelos de letras, caso o estudante sinta esta necessidade.

As frases registradas foram curtas com no máximo quatro palavras, com erros ortográficos, como: “delissia”, vícios de linguagem, escreveu como fala “pra”, “flutas” ao invés de frutas. Nota-se que os erros ortográficos são comuns a qualquer pessoa em processo de construção da escrita, pois em /delicia/ o fonema /c/ tem som de /s/ fato que induz os alunos ao erro. Na linguagem na cotidiana é comum falar /pra/ e não /para/ processo presente também no registro escrito do estudante. Por fim, ao registrar a palavra /frutas/ o participante substituiu o fonema /r/ pelo /l/, processo também comum e presente em um dos personagens que o estudante gosta, Cebolinha, da turma da Mônica. Nestes casos, acreditamos que diálogos com o estudante sobre as “armadilhas” na escrita, poderia trazer benefícios ao seu aprendizado.

Observamos, também, que o estudante demonstrou desconhecer os movimentos corretos para realizar o traçado de cada letra. Outro aspecto refere-se à omissão de registro escrito referente aos últimos dois quadrinhos. Ele argumentou que já tinha terminado deixando-os em branco. Mais uma vez pedi para que fizesse a leitura, ele leu, no entanto houve algumas palavras que o estudante encontrou dificuldade para realizar a decodificação, fato que exigiu um tempo maior de concentração, atenção e dedução para inferir o significado do registro. Apesar de ter demorado mais, ele conseguiu ler.

No caso desta atividade, poderíamos incentivar o estudante a localizar os próprios erros ortográficos e o registro correto com a ajuda do dicionário, atividade que iremos explorar nas próximas sessões.

### **Atividade: Completando uma história**

#### **Objetivo:**

- Ler um conto sobre evolução dos índios;
- Escrever o final de um conto de acordo com o seu contexto.

#### **Procedimento**

Nesta atividade, pretendemos solicitar a leitura do início de um conto. Este conto é sobre a evolução dos índios, o mesmo não tem conclusão, caberá ao estudante criar o final da história, deverá finalizar o mesmo. Seguiremos os seguintes passos: 1. Entregamos uma folha impressa com um conto apenas iniciado, contendo um pequeno enunciado; 2. Pedimos que fosse lido e explicado o que deveria ser feito e por último fazer a leitura do mesmo. Os materiais utilizados foram a atividade impressa, lápis preto, borracha e lápis de cor. Após a escrita do texto, entregá-lo à pesquisadora.

#### **Resultados obtidos e discussão**

O relato tratava-se de um texto sobre a evolução dos índios. Durante conversa com o estudante, questionamos se ele havia entendido o que deveria ser feito, após a leitura do enunciado. O estudante, confirmou que havia entendido o que precisava ser realizado, mas destacou que: “Sim, mas estou sem ideia”. Estabelecemos um diálogo sobre o tema e ao final perguntamos o que ele entendera do relato. Respondeu com uma frase bem criativa: “Para sermos evoluídos precisamos ser civilizados”. A Figura 4 mostra a produção da conclusão do conto realizado pelo estudante.

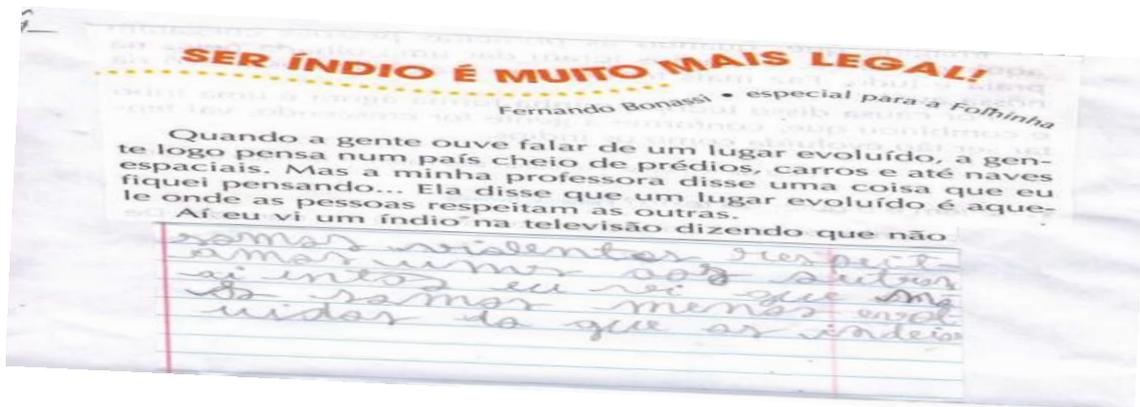


Figura 4: Produção - Continuação de história

Percebe-se no registro escrito alguns erros ortográficos, entre eles, podemos citar a troca de /m/ por /n/ e vice-versa, inclusão de letras no início, no meio ou no final de palavras. Este erro foi percebido pelo aluno ao realizar a leitura, notou que não havia acentuado algumas palavras, relatou que desconhece a importância da acentuação tônica. Conversamos brevemente sobre o assunto. O estudante escreveu “indeios” ao invés de índios, o trecho “respeitam-os uns aos outros”, no lugar de /respeitamos uns aos outros/. Notamos, também, que havia ignorado os parágrafos e os movimentos para realizar o registro escrito, traçado da letra, é incorreto, fato que torna alguns registros ilegíveis, há muitas omissões e troca de letras conforme pode-se perceber na Figura 4.

Observamos pouca criatividade ao escrever e um vocabulário pobre. Provavelmente, isto ocorreu porque não conversamos sobre o tema e o assunto não fazia parte do leque de coisas que o estudante manifestou gostar. Portanto, reconhecemos nossa falha no planejamento da sessão voltada para a produção escrita. Percebe-se claramente que o aluno foi alfabetizado, porém encontra-se na fase de transição entre a fase alfabética para a ortográfica, do ponto de vista de autores vinculados a áreas de humanas, já para autores da área médica, provavelmente, o argumento seria da ausência ou do diagnóstico de Dislexia e TDAH, conforme relatório médico.

### Sessão de avaliação psicopedagógica 3 (23/4/2017)

#### Atividade 1: Vídeo e música sobre a capoeira

##### Objetivos:

- Assistir a um vídeo mostrando os aspectos históricos da capoeira, seus integrantes e suas características importantes;

- Incentivar a descrição dos aspectos considerados relevantes do vídeo;
- Estabelecer relações entre as informações do vídeo e as experiências do estudante.
- Estimular a elaboração de argumentos acerca de um assunto que o estudante aprecia.

### **Procedimento e materiais utilizados**

Assistir de forma conjunta a um vídeo intitulado “*The best capoeira Brazil*” com duração de 2 horas e 56 minutos. Observação do vídeo sobre a capoeira e da letra da música apresentada. Iniciar uma conversa informal sobre os aspectos históricos evidenciados no vídeo buscando estabelecer relações com as aulas de capoeira que o sujeito participa como aluno da escola integral. Nesta atividade utilizamos como material apenas notebook para assistir ao vídeo da capoeira. Enfatizamos nesta atividade a expressão oral do estudante, a atenção seletiva e nos argumentos apresentados em defesa de suas ideias sobre o assunto. O Quadro 3 mostra trechos selecionados do diálogo sobre capoeira estabelecido com o participante.

Quadro 3: Trecho selecionado do diálogo sobre capoeira.

1. O que você mais gosta de fazer na escola?  
R. Da capoeira.
2. O que é a capoeira?  
R. É uma luta que também pode ser uma dança que os escravos faziam para enganar os donos de escravos quando estavam brigando para não serem castigados.
3. Você já assistiu a um vídeo de capoeira?  
R. Já vi só os filmes que tem capoeira e um seriado que passou na globo. Raízes. Só que eles eram escravos americanos e não lutavam capoeira. Eram os.... Não se lembrava.

Fonte: Transcrição do diálogo estabelecido com o estudante.

### **Resultados obtidos e discussão**

Ao dizer a ele que iríamos assistir ao vídeo retirado do Youtube que se chama *The best capoeira Brazil*, autor grupo capoeira Angola e conhecer alguns aspectos históricos da capoeira, o sujeito demonstrou alegria, acreditamos ser pelo fato de gostar muito desse tema. Mantivemos uma conversa com comentários plausíveis sobre a capoeira, o que o motivou a cantarolar o refrão e acompanhar os toques batendo na mesa acompanhando-os. A escolha deste tema, facilitou o desenvolvimento dessa atividade, pois trouxemos a vivência dele para as intervenções.

Ao final do vídeo, fomos surpreendidos com a frase dita por ele, demonstrando conhecimento acerca do tema: “Essa não é a música da aula de capoeira que o professor canta”.

Fato que evidencia o potencial de memória a longo prazo, recuperação da informação, associação da ideias e manifestação oral sobre o tema.

## **Atividade 2: Paralelo entre as músicas da capoeira**

### **Objetivo:**

- Estabelecer um paralelo entre as letras da música (do vídeo e da aula) e os aspectos históricos apresentados;
- Analisar as competências na leitura e na escrita em caixa alta.

### **Procedimentos e materiais:**

Apresentação da letra da música do vídeo na tela do computador para leitura e observação das particularidades presentes no registro escrito da música. Pesquisa na internet, do refrão. “PARANAUÊ PARANAUÊ PARANÁ”. Solicitação do registro escrito, em caixa alta, do refrão tocado na aula e no vídeo sobre a capoeira. Nesta atividade, continuamos a usar o Notebook como material, dicionário da Língua Portuguesa, folhas A4, lápis e borracha.

### **Resultados obtidos e discussão:**

A partir do reconhecimento da diferença entre a música tocadas no vídeo e na aula, o sujeito estabeleceu um paralelo entre elas, reconhecendo serem distintas. Porém, o refrão era o mesmo. Nesta atividade, o sujeito esteve atento e participativo, realizou diferenciação entre as letras das músicas, ponderou que o refrão era o mesmo, mas as estrofes eram distintas.

Pedimos a ele que transcrevesse o refrão usando a caixa alta. Ele imediatamente perguntou o que era caixa alta, então mostramos no computador e em seguida ele escreveu seguindo o comando. Ao solicitar que o estudante escrevesse em caixa alta, utilizamos uma estratégia para verificar se sua escrita ficaria melhor e mais legível.

Consideramos que a sua letra em caixa alta teve uma melhora considerável em relação à manuscrita. Mas, o participante relatou que era muito demorado utilizar essa letra, então preferia a outra mesmo, sua preferência era pelo registro da escrita cursiva, por ser mais rápida. Ao realizar cópia o estudante conseguiu realizar todos os registros sem omissão ou acréscimos de letras.

Ao finalizar, notamos que ele ficou bem descontraído com as atividades e cumpriu todos os objetivos propostos.

### **Atividade: Palavras cruzadas na Revista Picolé**

#### **Objetivos:**

- Incentivar o registro escrito em caixa alta;
- Estimular a realização de atividade com palavras cruzadas;

#### **Procedimentos e materiais:**

Colocamos sobre a mesa uma revista chamada Picolé contendo atividades de caça palavra, palavras cruzadas e Sudoku. O estudante poderia escolher a atividade a ser realizada na revista, mas direcionamos para a atividade de palavras cruzadas.

#### **Resultados obtidos e discussão:**

De posse da revista Picolé, ele folheou e encontrou um Sudoku, e numa conversa, ele comentou que essa atividade, chamava-se Sudoku porque foi inventada pelos japoneses. Em seguida, encontrou um quebra-cabeça e disse “que esse tinha esse nome, porque quebrava a cabeça mesmo e sorriu”. Na outra página encontrou palavras cruzadas ilustradas, nas quais o estudante observou o desenho, nomeava e escrevia. Começou a responder essa atividade em caixa alta bem traçada, por iniciativa própria. Quando perguntei porque escolhera essa letra, ele disse que “ficava mais organizado”, reconheceu que sua letra ficava melhor dessa forma.

Encontrou algumas dificuldades ao responder as palavras cruzadas, sendo que uma das palavras que deveria escrever era a palavra rabiola, porém escreveu pipa e notou que estava errado porque sobrou quadradinhos. Diante deste conflito cognitivo, conversamos sobre as possibilidades de palavras vinculadas ao desenho da pipa, entre elas, nomeamos as partes que compõe este brinquedo. Descobrimos que a palavra “rabiola”. O estudante quantificou as letras da palavra /rabiola/ e estabeleceu relação com o número de quadrinhos disponíveis para o registro, chegando a conclusão de forma independente de que rabiola era a palavra adequada. Em relação à palavra /quadro/, trocou o “q” pelo “g”. Pediu para fazer outra, concentrou-se e concluiu com alguns erros a palavra bisnaga, faraó ele escreveu “farior”, calota de carro, insistiu em roda, mas sobrava quadradinhos. Para confirmação ou busca de vocabulários foi utilizado o celular, o qual o estudante utilizava em forma conjunta com a professora.

Durante a resolução dessas atividades, notamos que sua postura não é boa, senta-se todo torto, se aproxima muito da mesa ao ler e escrever, disse que nunca usou óculos.

Vimos também que ele apresenta concentração, persistência, iniciativa, autonomia e recuperação de informação nas situações propostas na sessão. Vygotsky (1998) salienta quando a pessoa possui concentração e persistência, ele tem as ferramentas para aprender e desenvolver. Nas três situações distintas notamos que o estudante apresenta uma habilidade e competência verbal, fato que corrobora com o processo de compreensão dos símbolos escritos, uma vez que a linguagem é a ferramenta do pensamento.

#### **4.2/ As Sessões de Intervenção**

##### **Sessão de intervenção Psicopedagógica 1 - (23/5/2017)**

##### **Atividade: Produção de texto**

##### **Objetivo:**

- incentivar a produção de escrita espontânea;
- produzir um registro sobre o último encontro, destacando o que mais gostou e o que não gostou;
- Escrever corretamente as palavras, após a consulta no dicionário;
- Estimular o uso correto do dicionário.

##### **Procedimento e materiais utilizados:**

O procedimento previsto consistiu em conversar sobre as atividades realizadas no último encontro. Após o diálogo, solicitamos que o estudante escrevesse o que aconteceu, como se fosse um diário de bordo. Para tanto, entregamos uma folha pautada e pedimos que ele registrasse uma redação destacando o que mais gostou e menos gostou de fazer na semana que passou. Após o registro escrito, o estudante deverá ler e localizar as palavras registradas de forma equivocada, com erros ortográficos. Construção de um glossário pessoal com base no uso do dicionário. Para essa atividade organizamos a mesa com materiais necessários ao desenvolvimento da atividade, um dicionário para consulta, lápis de escrever, canetas coloridas (marca texto) e borracha para a produção do texto, folha A4.

### Resultados obtidos e discussão:

Iniciamos a sessão com uma conversa que o levaria a exercitar a memória, lembrando as atividades que havíamos feito na semana anterior. Segundo Kátia Chedid (2016), pedagoga em Neurociência, a aprendizagem e a memória caminham juntas, assim sendo, conversar sobre o que foi realizado ou sobre o que pretende realizar é uma excelente estratégia para avaliar se o aluno realmente aprendeu. O Quadro 4 evidencia o diálogo inicial que mantivemos com o estudante

Quadro 4: Trechos do diálogo da sessão número 1.

- O que fizemos na última aula? Pensativo ele responde.  
 -R. Falamos de capoeira, da mini série e palavras cruzadas.  
 Ah, jogamos aquele jogo da velha 3D.  
 - Qual a parte que você mais gostou e menos gostou? Por quê?  
 R. Gostei quando eu homihei o Esaias no xadrez. (risos). Neste momento ele fez referência à aula que ele havia feito antes da intervenção com a pesquisadora, no atendimento da sala de apoio na qual ele frequenta. Ele quis dizer que humilhou o colega Isaías no jogo de xadrez, ganhando várias vezes dele.  
 - Você consegue escrever um texto sobre as atividades que mais lhe chamaram a atenção desde o nosso último encontro até hoje?  
 Ele balançou a cabeça afirmativamente

Fonte: Transcrição retirada de uma conversa com o aluno

Notamos nosso sujeito demonstra ter uma boa memória, apenas esquecia pequenos detalhes ao relatar as atividades.

Após a conversa sobre sua semana, pediu que o mesmo escrevesse uma redação sobre suas atividades dos últimos dias e que fizesse a leitura, então percebemos que algumas palavras foram escritas de forma incorreta.

O estudante começou a procurar as palavras grafadas erradas no dicionário corretamente, leu baixinho todas as palavras que ele achava até chegar no vocábulo que havia escrito errado, em seguida foram transcritas com letra em caixa alta a pedido da pesquisadora, porém esqueceu-se e continuou a escrever com a letra cursiva, num total de dez palavras: fazer (faser), odeia (odenha), quando(gando), engraçadas(engrassadas), também (tambem), referência(referenssias), do que (doque), louça(loussa), chato(sato) e surra(sussa). Notamos que no caso das palavras “surra” o fato

da letra ser ilegível, houve dúvidas na leitura, pois ele escreve sussa e lê surra, no termo “do que”, além de ter unido as duas palavras ele escreveu com “g”, porém a leitura foi correta. Além disso, o estudante possui consciência da sua condição para realizar o próprio registro, fez o comentário espontâneo: “- Ixi, misturei as letras!”

No diálogo que estabelecemos, o participante destacou que conhece o dicionário e que o pai dele o chama de “Pai dos Burros –“ É o pai dos burros! Lá em casa tem um. Mais tá todo rasgado. Acho que ele sumiu até. [...] O meu pai que fala”. Complementou dizendo: “Quantas palavras tem no dicionário. Encontrou a resposta: “No dicionário tem 26.117 verbetes. Vale ressaltar que o participante é curioso e está sempre perguntando sobre dados que evidenciam sua capacidade de elaborar questões e de buscar por respostas. Outro exemplo, referiu-se à palavra verbete e questionou o significado.

A maneira como o estudante escreve, vai de encontro com as características de alunos disléxicos, descritas por Oliveira e Haddad (2001). Ao escrever, o disléxico une as palavras num processo chamado Aglutinação, apresenta inconstância e lentidão no desempenho de atividades. E o que mais observamos no aprendiz, foi a escrita incorreta, esses e outros sintomas apresentados na dificuldade de leitura e da escrita, podem compor o chamado quadro de risco, necessitando de uma atenção mais próxima do profissional da educação.

### **- Sessão de intervenção psicopedagógica 2: (24/05/2017)**

#### **Objetivos:**

- Avaliar as competências do estudante ao ler um texto e a interpretação do mesmo;
- Incentivar o estudante a sublinhar e destacar partes essenciais de um parágrafo;
- Observar o comportamento e desempenho do estudante diante do material disponibilizado e da leitura do texto selecionado.

#### **Procedimento e material utilizado:**

Inicialmente, conversamos sobre como deveria fazer a atividade. Dissemos a ele: Agora você fará a leitura do texto, circulará as palavras que não souber o significado e destacará as partes

mais importantes de cada parágrafo. Tudo bem? E em seguida, vai procurar o significado de cada palavra e anotar na folha entregue. Utilizamos nessa sessão um texto impresso com técnicas de leitura, outro sobre os povos pré-colombianos, folha pautada, lápis, borracha, dicionário da Língua Portuguesa e canetas coloridas.

Explicamos algumas técnicas de leitura presente no texto com o título “Melhorando sua memória para os conteúdos do livro”, entre elas: como entender um texto, começando por interpretar o título, leitura fragmentada, repetição e destaque das partes mais importantes de cada parágrafo.

Entregamos uma cópia de um texto escolhido pela professora de história sobre os povos pré-colombianos e canetinhas coloridas para destaque das palavras com significado desconhecido e das partes mais importantes. O texto não faz parte do livro didático utilizado pela professora de História, foi escolhido com uma atividade de enriquecimento. Com essa intervenção, pretendíamos vincular a atividade da sala de apoio à sala regular.

Em seguida orientamos o estudante para a tarefa a ser executada, que era a leitura e destaque das partes consideradas mais importante de cada parágrafo ou do texto como um todo.

Dessa forma, localizamos as palavras desconhecidas para criação do próprio glossário, realizamos a anotação da palavra com seu significado e sempre voltávamos à frase para que ele entendesse melhor, fazendo a substituição do termo desconhecido pelo sinônimo encontrado. Observamos atentamente o estudante durante a execução da tarefa, fazendo a devolutiva que consistia em ler juntos e avaliarmos se a parte destacada era a mais significativa para a pesquisadora e para o estudante.

### **Resultados obtidos e discussão:**

Após falar para ele sobre algumas técnicas de leitura, pedimos a ele que fizesse a leitura apenas do título do texto e que elaborasse perguntas, sobre o que ele iria ler. Ele imediatamente falou sobre as civilizações Pré-colombianos, os Incas, os Maias e disse “esqueci um”, pensou e em seguida falou “os Astecas” e onde eles viviam.

A leitura foi realizada de maneira atenta e vagarosa, sempre que encontrava uma palavra diferente, ele sublinhava e repetia em voz alta. Após a leitura perguntei sobre qual era a parte do texto mais importante. Ele fez o seguinte relato:

“Os europeus ficavam isolados no seus feudos por temerem os bárbaros. Quando os europeus descobriram a América, contavam histórias que tinham criaturas míticas”.

Perguntamos o que eram míticas e ele não soube explicar, então recorremos ao dicionário Aurélio. Listou as outras palavras desconhecidas e perguntei se sabia usar o dicionário, ele riu e com uma alegria no rosto falou novamente:

R. “É o pai dos burros, meu pai que disse, lá em casa atem um todo rasgado”, Então sorrimos bastante, ele procurou o significado no dicionário e fez anotações. Parou de escrever porque começou a lembrar da aula de História e falou um trecho bem interessante que eu gravei, falando dos povos Pré-colombianos. Para ter certeza da veracidade do relato dele, mostrei para a professora de História, que ouviu atentamente e sorrindo falou “tudo certinho”.

Como já observado, o estudante tem muita afinidade com a disciplina de História, fato que possibilitou essa sessão de intervenção psicopedagógica. Mostrou compreensão do texto, facilidade para lidar com o dicionário, porém na hora de escrever os significados das palavras desconhecidas, novamente a grafia não foi boa, escreveu com a letra desorganizada e sem capricho.

Assim como feito com a professora de História, é fundamental que os demais professores, tenham a sensibilidade para perceber as dificuldades dos educandos e que possam interferir de maneira satisfatória, levando-os à construção da leitura, da interpretação e da escrita das palavras corretamente. E acima de tudo investiguem o porquê da não aprendizagem, o porquê da letra feia. No caso do estudante KSM, percebemos alguns traços de Disgrafia com necessidade de ações que o levem a melhorar a escrita das palavras.

### **Sessão de intervenção psicopedagógica 3: (30/5/2017)**

#### **Objetivo:**

- Desenvolver a capacidade de decodificar e transcrever os códigos contidos na carta enigmática;
- Estimular as competências que colaborem para a leitura e escrita de texto que envolva outros sinais gráficos.

#### **Procedimentos e materiais utilizados:**

O procedimento adotado consistiu em conversar com o participante sobre o que é uma carta enigmática, enigma, bem como acessar seus significados. Após a conversa informal, entregar uma carta enigmática, bilhete do Menino Maluquinho para sua mãe, para o estudante. Utilizamos como materiais uma carta enigmática impressa numa folha A4, canetas, lápis, borracha e folhas para a escrita do bilhete.

### **Resultados obtidos e discussão**

Para a realização dessa intervenção, primeiramente conversamos com o estudante sobre uma carta enigmática. O Quadro 5 apresenta trechos do diálogo estabelecido.

#### Quadro 5: Diálogo com o estudante

<p>- Você sabe o que é um enigma?</p> <p>R. São códigos para gente decifrar.</p> <p>- O que é preciso para revelar um enigma?</p> <p>R. Ser rápido e esperto.</p> <p>-Você já leu uma “carta enigmática”?</p> <p>R. Sim. Mas não lembro mais. Acho que foi...</p> <p>- Como ela deve ser?</p> <p>R. Ah! Acho que interessante, pode ser também perigosa. (Risos)</p>
--

Fonte: Transcrição do diálogo estabelecido com o estudante.

A carta enigmática é uma brincadeira, é um jogo de linguagem que faz uso das relações entre palavras e figuras de objetos, de forma a transformar a leitura de um texto em uma brincadeira que leva à observação, interpretação, escrita e ao raciocínio.

A utilização dessa estratégia aconteceu de forma tranquila, o estudante apresentou interesse e um bom desempenho na descoberta do enigma, houve muita concentração e raciocínio para decifrar as palavras, possibilitando ao estudante usufruir de uma estratégia de aprendizagem com motivação e empenho pessoal. Porém, ao transcrever o bilhete para a folha, mais uma vez ficou bem evidenciado a dificuldade na escrita das palavras. Ignorou letra maiúscula ao iniciar as frases, aglutinação de letras demonstrando desconhecer o registro correto. Quanto à estrutura do bilhete, esta não foi bem feita, deixou de dar espaço entre uma linha e outra, esqueceu-se de colocar a

saudação em uma única linha. Foi feita uma devolutiva para o estudante à respeito dessas observações feitas para que o mesmo escrevesse um bilhete de forma correta.

Esta é uma atividade lúdica, reconhecida com uma importante estratégia de aprendizagem. Para Vygotsky (1998), a contribuição do lúdico para a educação está relacionada às atividades as quais o professor pode realizar para promover o desenvolvimento cognitivo dos estudantes. Enfatiza ainda a importância das brincadeiras no processo de aquisição da linguagem verbal e do pensamento intelectual.

### **Atividade: Escrita do bilhete**

#### **Objetivo:**

- Incentivar a escrita e leitura, através da produção de um bilhete;
- Escrever um bilhete para uma pessoa conhecida;
- Revisar o material produzido.

#### **Procedimentos e materiais utilizados**

Após a transcrição da carta enigmática, entregar materiais como recortes de folhas, lápis, borracha e caneta para a elaboração da próxima atividade. Orientamos sobre a estrutura de um bilhete e ao escrevê-lo, pensasse em quem iria recebê-lo. Pretendemos despertar no estudante o interesse por ler a produção realizada, realizar a revisão e só depois entregar o bilhete ao destinatário.

#### **Resultados obtidos e discussão**

Ao escrever o bilhete, novamente o sujeito não seguiu as orientações como a escrita da saudação inicial na primeira linha, não respeitou parágrafo e, ao finalizar o bilhete com a despedida, não mudou de linha. Houve erros ortográficos, troca do “N” pelo “M”, troca do “C” pelo “SS”, o traçado da letra muito desorganizado, com emendas, tornando uma escrita confusa. Evidenciamos as características específicas da produção escrita deste participante. O processo em que se encontra na reconstrução da escrita é tardio, deveria ter acessado os aspectos ortográficos da escrita, porém o registro escrito espontâneo aponta que ele encontra-se na fase de transição entre a fase alfabética e ortográfica da escrita, conforme os estudos de Ferreiro (2009). Outra possibilidade, a qual não

temos certeza é que o padrão de escrita deve-se a presença dos transtornos funcionais específicos, como o TDAH e a Dislexia, porém acreditamos que a presença destas características podem ser superadas, desde que o estudante tenha orientações constantes de como criar estratégias de autorregulação da escrita.

#### **- Sessão de intervenção psicopedagógica 4 - (06/6/2017)**

##### **Objetivo:**

- Verificar as competências do estudante na escrita de frases espontâneas utilizando o programa Word;
- Incentivar o uso do computador na produção escrita;
- Estimular o estudante no uso de um adaptador para lápis.

##### **Procedimento e materiais utilizados**

O procedimento consistiu em disponibilizar um computador e um aparelho celular conectado à internet. Pretende-se começar a atividade por meio de um diálogo à cerca das ferramentas tecnológicas dispostas na sala. Evidenciar o papel do corretor ortográfico presente no Word. Os materiais selecionais para essa sessão foram: o notebook, o aparelho celular, dicionário da Língua Portuguesa, adaptador para lápis, lápis de escrever, borracha e folhas A 4.

##### **Resultados obtidos e discussão:**

A intervenção psicopedagógica foi realizada na sala de apoio a aprendizagem. A pesquisadora explicou que a atividade de hoje seria utilizando o computador, o estudante sorriu, demonstrando ter gostado da estratégia. Disponibilizamos um notebook e um aparelho celular para o desenvolvimento das atividades propostas.

Ao colocar o notebook sobre a mesa, o estudante imediatamente perguntou, demonstrando alegria, se iríamos “mexer” - como minha resposta foi positiva- ele veio entusiasmado com outra pergunta: Tem internet? Comportamentos que expressam autonomia e iniciativa além de desejo de

manipular a máquina, de utilizar este recurso no seu processo de escolarização, portanto, parece que o computador será um excelente instrumento no processo de aprendizagem da leitura e escrita.

Perguntamos ao estudante se ele gostava de internet, já prevendo que teríamos uma resposta positiva, pois sabemos que a tecnologia vem atraindo de forma considerável todos os públicos com diversas finalidades: pesquisa, entretenimento, filmes, vídeos e músicas. Perguntamos se na casa dele tinha, ele se entristeceu e dessa vez não houve resposta oral, ele apenas balançou a cabeça negativamente, voltou-se para o computador e rapidamente o abriu sem que fosse solicitado pela pesquisadora.

Perguntamos se ele sabia como digitar um texto e qual programa deveríamos usar. Imediatamente ao olhar a página inicial, leu todas as informações bem baixinho, tentando localizar onde deveríamos digitar textos. Como não conseguiu sozinho, fizemos uma mediação mostrando que ele teria que procurar o programa Word. Então dissemos a ele que pensasse numa frase e que a digitasse. Fazendo expressões com o rosto, ele digitou utilizando somente a mão direita a seguinte frase: “o 11 de setembro foi o maior ataque terrorista do mundo”

Perguntamos se ele conseguia usar as duas mãos para digitar, ele sorrindo disse que achava que não conseguiria. Então solicitamos que ele fizesse a leitura da frase observando bem como iniciou e terminou e se todas as palavras foram escritas corretamente. Então perguntamos novamente o que significava a linha vermelha que estava abaixo da palavra setembro. Ele olhou e disse que estava escrito errado e que a palavra “setembro” era escrita com “m” e não “n”. Ao notar seu erro, ele quis apagá-lo e se enrolou um pouco com as ferramentas do Word, mas conseguiu corrigir, porém não havia iniciado a frase com letra maiúscula e nem havia finalizado usando pontuação.

Mostramos para ele a frase perguntando se a mesma estava correta, imediatamente ele colocou letra maiúscula, mas quando falei da pontuação ele colocou o ponto final e disse: “É esse”? “Para que servem os pontos”?

Como em todas as atividades, a sua escrita não foi favorável, reafirmamos a necessidade de um olhar diferenciado para as suas dificuldades.

### **Atividade: Escrita de frase com uso de adaptador artesanal**

#### **Objetivo:**

- Incentivar o uso de adaptador de lápis no momento da escrita;
- Avaliar a produção escrita das frases com a utilização de um adaptador de lápis;
- Conversar sobre os efeitos do uso ou não do adaptador de lápis na realização do registro escrito.

### **Procedimentos e materiais**

O procedimento previsto para esta atividade consistiu em realizar uma leitura da frase digitada no computador e reescrita com letra em caixa alta e cursiva, utilizando um adaptador artesanal para lápis numa folha A4, em seguida repetir a escrita da mesma frase sem o uso do adaptador, para que se possa avaliar sua escrita. Os materiais necessários para o desenvolvimento desta atividade foram: adaptador artesanal para lápis, lápis, borracha, folha A4 e computador.

### **Resultados obtidos e discussão**

Voltamos para o computador novamente e pedimos que copiasse a frase elaborada por ele na folha pautada utilizando letra em caixa alta, a fim de que verificasse se a grafia das palavras ficaria mais legível, com o uso do adaptador de lápis. Após a execução dessa tarefa retiramos o computador da mesa e iniciamos a segunda atividade onde o estudante deveria escrever uma frase na folha branca com letra em caixa alta, utilizando um adaptador para lápis.

- Agora você terá que escrever outra frase, utilizando a letra cursiva e um adaptador para lápis, bem caprichado. De posse do lápis com o adaptador, ele perguntou: “Pra que serve isso”?

Expliquei que iríamos verificar se a letra dele ficava melhor e mais legível com esse adaptador. A frase elaborada pelo estudante foi: “Hoje eu vou treinar o que eu aprendi na capoeira desse dia”. Em seguida pedi para que escrevesse a mesma frase sem o adaptador, e dessa forma foi feito. Não sentimos diferença entre as duas cópias, uma saída seria a letra em caixa alta, como tentativa para uma letra legível.

### **Atividade : Escrita de texto com o whatsapp**

#### **Objetivo:**

- Avaliar a desenvoltura do estudante, com a ferramenta whatsapp na escrita de frases.
- Estimular a leitura e a escrita por meio de mensagens em um aparelho celular.

### **Procedimentos e materiais utilizados**

Procedimento da escrita nesta atividade, baseou-se no manuseio do celular e do *Whatsapp* com vistas a estimular a escrita, a leitura, a revisão das mensagens produzidas antes de enviá-las aos destinatários. Quanto ao material utilizado, citamos um aparelho celular conectado à internet.

### **Resultados obtidos e discussão**

Ao observar como com ele se comportaria escrevendo mensagens no celular, notamos muita habilidade em manusear a máquina. Demonstrou muito interesse na atividade, se divertiu escrevendo mensagens no *Whatsapp*, mantendo um diálogo com a pesquisadora. Evidenciamos novamente a necessidade de um acompanhamento psicopedagógico, que possa intervir de maneira positiva, evitando o fracasso escolar. Provavelmente o uso de enigmas associados aos recursos de tecnologia pode ter um efeito positivo na apropriação do conhecimento vinculado à escrita.

### **Sessão de intervenção Psicopedagógica 5 (20/06/2016)**

#### **- Objetivo:**

- Assistir a um vídeo sobre capoeira que contribua para leitura, interpretação e escrita mais eficiente do estudante.
- Estabelecer relações entre a capoeira apresentada no vídeo e a da escola.

#### **-Procedimento e materiais utilizados:**

Propomos nesta atividade, uma conversa informal sobre a capoeira, sua origem, a música, os participantes e instrumentos utilizados nesta arte com o sujeito. Antes de iniciar a conversa, explicar a necessidade de fazer uma gravação para que não fosse esquecido nenhum detalhe importante. Nesta sessão utilizamos como materiais, o vídeo previamente escolhido e extraído do *Youtube*, intitulado como “Roda de Capoeira de crianças” e atividades impressas, lápis, caneta, borracha e folhas pautadas, dicionário, um mapa *mundi* e o globo terrestre. Pretendemos fazer uma

interpretação oral, sobre o vídeo assistido e, como atividade complementar, entregar um texto intitulado: “História da capoeira”, escrito pelo grupo memória capoeira, para leitura e realização escrita de uma atividade de interpretação.

#### Resultados obtidos e discussão

Fomos felizes com essa intervenção, o estudante ficou sempre muito atento, participou fazendo comentários sobre os golpes, cantarolou o refrão da música tocada no vídeo e sempre muito sorridente, comentou sobre os golpes apresentados no vídeo e a capoeira da aula. Em relação às palavras desconhecidas uma só foi destacada por ele “engenho”, imediatamente, ele pegou o dicionário e procurou o significado e fez leitura em voz alta de todos os significados encontrados para essa palavra. Soube dizer com tranquilidade qual o significado que daria sentido ao trecho lido no texto.

Quanto à atividade escrita na folha impressa, era composta por um texto relativamente pequeno com apenas quatro parágrafos identificados por ele após a leitura. Falamos sobre a utilização da letra maiúscula ao iniciar cada parágrafo e da pontuação adequada.

As perguntas relacionadas ao texto eram bem simples e suas respostas eram curtas e bem diretas. Na primeira pergunta de onde vieram os escravos que trabalharam no Brasil, ele respondeu na “Angola”, não elaborou um parágrafo; na segunda pergunta ele também respondeu com uma palavra apenas “engenho” e na terceira “capoeirão”. Todas estavam escritas corretamente e com letras maiúsculas, porém ignorou a escrita e elaboração de parágrafos. Provavelmente, a estrutura da pergunta pode ter gerado a resposta no estudante, ou ele se satisfaz apenas com respostas monossilábicas, isto é, apenas uma palavra para responder uma sentença.

Na terceira atividade ele elaborou um parágrafo, iniciou com letra maiúscula, mas na hora de separar a sílaba da palavra praticavam, ficou assim “praticav- ão”, errou a escrita e a separação silábica, enquanto que na quarta pergunta, escreveu a palavra machucassem da seguinte maneira “maixucassem” e na última pergunta ele escreveu “farssa”, sendo que o correto seria “força”. No primeiro caso, o fonema /ch/ tem som de /x/, portanto o estudante precisa memorizar o registro e as regras do uso do /ch/ e do /x/. De um modo geral, suas respostas foram corretas, mas notamos nitidamente que sua caligrafia não é boa, o traçado é ruim, algumas letras ilegíveis, outras com a ortografia incorreta, o que nos leva a entender que infelizmente não foi bem alfabetizado e outras

questões podem estar por trás, como algum problema emocional omitido por ele e o pai quando fizemos a entrevista inicial.

### **- Sessão de intervenção psicopedagógica 6 (21/6/2017)**

#### **Objetivos**

- Entrevistar o professor de capoeira;
- Adquirir conhecimento à cerca do tema, aperfeiçoando a linguagem, para uma possível construção de um texto;
- Analisar as atitudes do estudante ao entrevistar o professor;
- Ampliar o vocabulário a respeito da capoeira.

#### **Procedimentos e materiais utilizados:**

O procedimento consistiu na elaboração de um roteiro para entrevistar o professor de capoeira, utilizando o programa *Word*, realizamos a impressão do roteiro, leitura das questões e realização da entrevista pelo estudante, enquanto a pesquisadora ficara responsável pela gravação. Organizamos a sala para a entrevista e nos acomodamos com as cadeiras dispostas em semicírculo, o que nos deixaria mais próximos e confortáveis. Nesta sessão, utilizamos o computador para a digitação das perguntas, impressora, folha impressa com as perguntas e o aparelho celular para a gravação.

#### **Discussão e resultados obtidos:**

Na sexta sessão utilizamos a entrevista com uma valiosa estratégia de aprendizagem. A entrevista aconteceu na mesma sala de todos os encontros, no período da tarde após a aula de violão. Iniciamos a sessão após o lanche que foi servido aos alunos da escola integral. O estudante estava tomando suco e comendo pipoca.

Neste momento, foi comunicado a ele que a entrevista com o professor da capoeira estava marcado para aquela hora, por volta das 15:30 horas, ele tomou o suco rapidamente e veio comendo pipoca para a sala de apoio ao meu lado.

Elaboramos juntos as perguntas que foram utilizadas na entrevista, digitamos, fizemos a impressão, organizamos as cadeiras em semicírculo e aguardamos a chegada do professor. O estudante destacou em suas perguntas: o prazer do professor em jogar capoeira, quais as dificuldades em ensinar capoeira na escola, por que ele começou a jogar capoeira. Todo o processo de construção das questões foi realizado num processo interativo entre o estudante e a pesquisadora.

Entregamos a folha impressa com as perguntas, testamos o aparelho celular para gravar em áudio as perguntas e as respostas durante a entrevista.

Quando o estudante começou a fazer as perguntas, a pesquisadora que estava gravando todas as falas, notou que o estudante estava falando baixo, o professor ao notar ofereceu ajuda e começou a responder com muito cuidado todas às perguntas feitas. O estudante pareceu-me meio nervoso, porém estava muito atento a todas as respostas. Mas sentiu-se envergonhado e não comentou nada que estivesse fora do roteiro.

Ao término da entrevista, nos despedimos do professor e agradecemos a atenção e sua colaboração com a nossa pesquisa. Permanecemos na sala para uma avaliação da entrevista. O estudante não quis falar muito, apenas que teve um pouco de vergonha, por esse motivo falou baixo.

Ao avaliarmos a entrevista perguntei se ele tinha aprendido alguma coisa nova com a entrevista, sua resposta foi rápida, dizendo que sim e se retirando da sala para participar da aula de capoeira que provavelmente já havia começado. De todos os objetivos propostos, apenas um não foi cumprido pelo fato do tempo ter sido insuficiente: a produção escrita do texto sobre a capoeira.

## **Sessão de intervenção psicopedagógica 7 (27/6/2017)**

### **Objetivos:**

- Conhecer a avaliação do estudante das atividades realizadas durante a intervenção psicopedagógica;
- Incentivar o estudante a comentar sobre as experiências vivenciadas com a pesquisadora;
- Promover um momento de descontração que favorecesse um bom diálogo a respeito de seus sonhos, desejos relacionados à escola e à aprendizagem da leitura e escrita.

### **Procedimentos e materiais utilizados**

Como procedimentos para a última intervenção, preparamos a sala de apoio, para receber o estudante. Pretendemos utilizar como estratégia uma entrevista sobre os sonhos do estudante. Propomos a leitura do trecho do poema e em seguida demos início à entrevista com o participante da pesquisa. Fizemos uma gravação para que não fosse esquecido nenhum detalhe importante. Os materiais utilizados para a sessão de intervenção foram: o poema impresso na folha A4, celular para gravar a conversa, lápis de escrever, lápis de cor, borracha e folha A4 branca. Ao término da atividade, agradecemos a colaboração dele na pesquisa, dizendo que ele havia sido muito importante para a realização do nosso trabalho.

### **Resultados obtidos e discussão**

Nos reunimos na mesma sala para mais uma sessão. Expliquei ao estudante que seria nossa última sessão de intervenção psicopedagógica e que seria uma conversa gravada. Perguntei se ele lembrava de quando falei do meu trabalho que ele iria contribuir, sua resposta foi que não se lembrava dessa conversa. Foi engraçado ele falou naturalmente, mas com um olhar surpreso.

Iniciamos a conversa perguntando se ele se lembrava de todas as atividades que fizemos nessa sala para o meu trabalho e se saberia descrevê-las. Ele apresentou comportamentos amplos e alterações faciais que expressavam a dificuldade de relacionar as atividades que ele participou em todas as sessões de intervenção. Ele lembrou as seguintes atividades: 1/ jogos, atividades com dicionários, texto de História, jogo da velha 3D e capoeira. Vale ressaltar que as atividades que ele

lembrou estavam diretamente vinculadas as suas dificuldades na leitura e escrita, o uso do dicionário e dos equipamentos eletrônicos foram lembrados por ter sido mais significantes para ele.

Outras ele esqueceu, como a comemoração do seu aniversário, do jogo de xadrez e até mesmo da gravação que fizemos dele na aula de capoeira. Parece que estas podem ter sido esquecidas, como a entrevista com o professor da capoeira que sentiu-se envergonhado.

Aos poucos fomos lembrando cada uma das atividades realizadas. Lembramos do bolo de seu aniversário e, imediatamente, ele disse com um sorriso ‘YES’. Conversamos mais um pouco e perguntamos que atividade poderíamos fazer, ele respondeu que poderia ser uma atividade que estimulasse sua mente e que fosse de uma forma divertida. Falou que gosta da escola porque seus amigos estão lá, e também dos professores. Perguntamos sobre o xadrez ele disse: “me sinto superior quando estou ensinando o xadrez para quem não sabe”.

Dissemos a ele que agora vamos falar de sonhos. Você sabe o que são sonhos? Você sonha com alguma coisa? Ele ficou pensativo, então propomos a leitura de um poema sobre os sonhos.

A leitura de uma estrofe do poema sobre sonhos de um adolescente, foi feita por ele de forma correta e coerente.

Perguntamos: Esse poema combina com você? Sobre o que ele fala? Sua resposta foi: “Sobre sonhos, ser feliz ter uma vida feliz com filhos... família”. Perguntamos: Você tem esses sonhos? Ele balançou a cabeça com um gesto positivo. “Mas que demoraria anos”.

Você têm outros sonhos? Respondeu dizendo que queria ser paleontólogo. Então perguntamos o que faz um paleontólogo? “Ele faz pesquisas sobre dinossauro e outros animais pré-históricos, ou veterinários porque eu gosto de animais”. Fizemos mais algumas perguntas: Você como adolescente, sonha com uma vida diferente? “Tipo ter uma família feliz”!

Sua família é feliz? Ele gaguejou e falou “falta um pouco”. Novamente falou sobre seus irmãos que são chatos. Então perguntamos e você enquanto filho, o que pode fazer para melhorar a sua família? Sua resposta foi “tentar aproximar todo mundo”? Sempre respondendo com outra pergunta.

Perguntamos novamente: O que são sonhos?” São objetivos que você quer atingir na sua vida”.

Existe outros tipos de sonhos? “Tem o sonho que quando você dorme você imagina coisas que nem sempre fazem sentido e que são baseados em alguma coisa que ocorreu no seu dia, ai você sonha”.

E para ser paleontólogo, o que você fazer? Ele descreveu o trabalho do paleontólogo. Então falei: Mas para isso o que você precisa fazer?” Estudar muito entrar numa faculdade pra isso”. Você sonha com uma faculdade? Respondeu que “Sim”.

A seguir perguntei se a escola fazia parte dos seus sonhos, ele disse “sim e tenho que estudar para ter uma profissão um futuro um e trabalho “legalzão”.

Seu pai e sua mãe falam sobre isso? Seu futuro? “Meu pai fala que eu tenho que estudar para ter um futuro bom. Para não viver na pobreza, ter um futuro, ajudar os outros e ser uma pessoa decente”.

E na sala de aula como você está? Suas notas estão boas? “Tô mais ou menos. “Aí vai depender da matéria, acho que fiquei em PD, 1,5 pontos”. A pesquisadora falou ironicamente que PD era uma matéria muito difícil, então ele riu e se justificou “é porque às vezes tem algo grande para copiar ai eu fico com preguiça”. E tem trabalho? “Sim”. E prova? “Não”.

Perguntamos você se distrai com facilidade? “Eu me distraio sim”. “Faço um pouco de tudo, normalmente tudo”. O que é mais difícil, Matemática ou PD? “Matemática é mais difícil, mas eu consegui fazer bem matemática? Você gosta de matemática? “Sim”. “Ah eu também fiquei em Inglês”.

A pesquisadora falou: É difícil Inglês? “Às vezes coloco no lugar errado as respostas”. Por distração? “Não, sem saber mesmo”! Para melhorar suas notas o que você tem que fazer? “Estudar”. Você estuda em casa ou na escola? “Não estudo em casa. “Às vezes fico de bobeira, sem fazer nada”. “Eu presto atenção na explicação e na hora de escrever fico de bobeira e não leio nada o que escrevo e nem vejo o erro. Às vezes eu vejo o erro. Perguntamos: para que serve a cópia da matéria? “A matéria que copio é para lembrar mesmo”. A pesquisadora o aconselhou a estudar, fazer as tarefas de casa e sempre revisar a matéria do dia, criando assim hábitos de estudo. Caso contrário nada irá mudar. Você tem estudado em casa? “Sim”. A pesquisadora disse: Que horas, dentro do ônibus? “Não em casa sobra um tempinho”. Sugerimos que ele fizesse um compromisso com ele próprio sobre hábitos de estudo.

Perguntamos o que você mais gosta de fazer na escola? “Dos meus amigos e os negócios da integral”. “Faço todos os reforços, capoeira e violão”. Sobre a tempo para estudar? “Sobra um pouquinho”.

## **V/ Discussão geral dos resultados da intervenção psicopedagógica**

Para uma melhor compreensão, os resultados serão descritos de acordo com a sequência, primeiro as três avaliações psicopedagógicas e logo em seguida serão discutidos os resultados das sete intervenções psicopedagógicas realizadas com o estudante chamado KSM.

O participante desta pesquisa, é um adolescente de 12 anos, estudante de uma escola pública do Distrito Federal, cursando o sétimo ano do Ensino Fundamental, com laudos e relatórios expedidos por uma equipe médica, relatando que o mesmo é portador de transtornos funcionais específicos, a Dislexia e o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, o TDAH.

A prova composta de atividades de linguagem: reconstituição de frases, leitura e escrita de diálogos, sequência de fatos numa história em quadrinhos apenas iniciada e sequência do relato de um acontecimento segundo um contexto particular. Durante essas atividades foram realizadas sondagens das habilidades e desempenho do participante em relação à leitura e à escrita.

Ressalto que anteriormente à aplicação da prova de avaliação da escrita e leitura, como forma de despertar o seu interesse e analisar sua desenvoltura, realizaram-se atividades lúdicas que proporcionaram momentos de descontração, motivação para que pudesse criar estratégias durante as partidas do jogo.

O estudante ao desenvolver tais atividades demonstrou competência na oralidade, leitura e interpretação dos enunciados das atividades e as desenvolveu sem mediação do pesquisador. O que foi observado em relação à sua escrita, é que esta precisa ser trabalhada de forma que possa contribuir para uma melhor aprendizagem e sucesso na vida escolar.

No caso do participante, ele desenvolveu bem a leitura, interpretou, mas no momento de mostrar as competências na parte escrita, escreveu palavras com erros ortográficos, omissão de letras e um traçado incorreto das letras. Apresenta-se sempre com uma postura inadequada, ao falar faz muitos gestos e expressões faciais. Esses erros cometidos, são característicos de estudantes em

dificuldade de aprendizagem, em alunos com transtornos ou não, no entanto, pode ser apenas o comportamento próprio da idade.

O resultado da prova de avaliação na escrita e leitura, possibilitou o planejamento das atividades que foram desenvolvidas nas sessões de intervenção psicopedagógicas. Exemplificando, na entrevista com o participante, o mesmo deixou bem claro a sua paixão pela capoeira, a partir daí foram elaboradas atividades relacionadas a este tema. A escolha do tema foi baseada na área de interesse do participante, o que pode ter contribuído para uma maior ressignificação dos conteúdos que seriam trabalhados.

Para a última sessão de avaliação psicopedagógica, foram selecionados vídeos com cenas de crianças e adultos jogando capoeira, ou gingando como ele próprio me esclareceu. Além do vídeo, textos que trouxeram um pouco da história da colonização do Brasil, interessante que sempre que observava os golpes no vídeo fazia comentários a respeito de como eram chamados, o que o remetia às aulas de capoeira em que era aluno. Cantorolava o refrão da música tocada no vídeo e, imediatamente, fazia um paralelo entre a música do vídeo e a música tocada na aula de capoeira. Lembrou-se de um seriado passado na televisão sobre a escravidão dos norte-americanos e a comparou fazendo uma diferenciação com a escravidão no Brasil.

O que mais chamou minha atenção foi o fato de ter uma memória fascinante, ao lembrar de fatos da História do Brasil e outros ligados à capoeira e trazê-los para a nossa aula. Sempre muito descontraído. Essa possibilidade de ressignificação dos conteúdos escolares com suas vivências, no caso a aula de capoeira, facilitou a participação do estudante no decorrer das atividades de oralidade, interpretação, porém quando partimos para a escrita, mais uma vez evidenciou a dificuldade na grafia das palavras. Tentamos a letra em caixa alta, mas o participante relatou achar demorado a escrita, mas foi notável a melhora na grafia das palavras.

Na segunda sessão de intervenção psicopedagógica, foi proposto uma produção de texto sobre os acontecimentos da sua semana. Para a realização desta atividade, ele precisou exercitar a memória para lembrar dos acontecimentos da semana e produzir um texto com essas informações. O texto produzido foi pequeno, com muitos erros ortográficos e o traçado desorganizado das letras. O estudante teve dificuldades para ler o próprio registro. O ponto positivo foi que ele identificou os erros e os corrigiu usando o dicionário, seus principais erros foram trocas e omissões de letras como: fazer ( faser ) , odeia ( odenha), quando(gando), engraçadas(engrassadas), também

(tambem),referência(referenssias), do que(doque), louça(loussa), chato(sato) e surra(sussa), sintomas de Dislexia e desatenção, remetendo ao TDAH, algumas vezes a escrita estava incorreta e a leitura que ele fazia era correta.

Na sessão seguinte, escolhemos como estratégia, a produção textual, com o gênero bilhete. A pesquisadora utilizou nesta sessão uma carta enigmática do menino maluquinho, momento em que ele decifrou com competência o enigma e fez uma leitura do bilhete com sentido, copiou o mesmo respeitando a estrutura desse gênero textual que estava contido na carta, complementando essa atividade, solicitei que ele escrevesse um bilhete para alguém da escola. Ele escolheu a pesquisadora e o bilhete foi escrito sem respeitar a estrutura própria deste gênero textual. Escreveu nome próprio com letra minúscula, letras emendadas, sem o traçado correto, trocou o “n” pelo “m” na palavra “atendimento e atenciosamente”. No caso das letras /n/ e /m/ é comum os alunos apresentarem dificuldades uma vez que são parecidas e o diferencial ocorre na emissão do fonema, sendo necessário conhecer a posição fonoarticulatória dos mesmos.

Nesta atividade de escrita do bilhete, a dificuldade em grafar as palavras ficou mais evidenciada. O que me faz entender a necessidade de um acompanhamento psicopedagógico eficiente que possa trabalhar com ele atividades de escrita, resgatando os aspectos fonoarticulatórios presentes na emissão dos fonemas. Provavelmente, esta pode ser uma rota possível para superação das dificuldades conforme propõe Capovilla (2009)

Ao iniciar a quarta sessão disponibilizamos um notebook e um aparelho celular para o desenvolvimento das atividades propostas. O que chamou a atenção dele que queria usar a internet. Solicitei que ele escrevesse frases aleatórias no computador e que depois as corrigissem, usando o corretor do computador, digitou apenas com uma mão, não possuía habilidades para digitar com as duas mãos. Na outra atividade ele participou de uma conversa no *Whatsapp* com a pesquisadora, momentos de descontração foram vistos. Foi uma sessão perfeita, ele gostou de usar esses equipamentos tecnológicos, demonstrou bastante interesse na realização das atividades. Voltando para as atividades metalinguísticas, observou-se que na elaboração das frase,s não utilizou letras maiúsculas ao iniciar as frases , apesar de conhecer os pontos, não usou nenhuma pontuação e desconhecia a necessidade de pontuar frases. Então recorreremos a textos para trabalhar a pontuação.

Quando falou que o ponto de interrogação era usado em perguntas, ele deu um exemplo a meu pedido: “Qual foi o primeiro ser vivo do mundo?”. Achei uma frase bem elaborada. Voltamos

para o computador novamente e pedimos que digitasse a frase e em seguida a copiasse na folha pautada, utilizando letra em caixa alta e um adaptador artesanal para lápis, o que para ele não fez diferença.

O sucesso dessa intervenção psicopedagógica foi a utilização de ferramentas tecnológicas na escrita, como o uso do computador e das Redes sociais, o *Whatsapp*. Sabemos a importância da inclusão digital e devemos valorizar o uso de novas tecnologias na sala de aula. Nota-se claramente que essa estratégia de aprendizagem não é muito utilizada pelo fato de nossas escolas não possuírem infraestrutura, estarem sucateadas e ainda a falta de formação de muitos professores que ainda hoje resistem às novas tecnologias. O que seria ganho tanto para o aluno quanto para o professor.

Iniciamos a quinta sessão lembrando o que já conhecia sobre a capoeira, através de um vídeo, que mostrou a história da capoeira e seus participantes. Ele sempre muito atento, falou dos golpes, dos instrumentos utilizados, das músicas de uma maneira bem descontraída. Logo em seguida foi feita a leitura e interpretação de um texto sobre a capoeira. Na interpretação oral houve muita participação do sujeito que se mostrou sempre muito entusiasmado. Em seguida foi proposta uma atividade de interpretação escrita do texto lido e mais uma vez nos deparamos com as características destacadas neste trabalho sobre dificuldade de aprendizagem, Dislexia e TDAH. Apesar de notar uma pequena melhora na letra, o problema de uma alfabetização inadequada foi evidenciado.

Na sexta sessão psicopedagógica, ainda falando da capoeira, utilizamos a entrevista como estratégia de aprendizagem. Algumas perguntas da entrevista foram elaboradas sob mediação da pesquisadora. Foram perguntas relacionadas com a capoeira e a visão do professor, onde seria avaliado a desenvoltura do participante. Em todas as sessões realizadas, o participante sempre mostrou-se alegre, extrovertido e muito falante, me surpreendeu, pois foi a única sessão que o mesmo se comportou de maneira introspectiva. Ele mal quis falar na entrevista, ficou envergonhado ou talvez não estivesse num bom dia ou quem sabe ainda abalado emocionalmente. Como ele não quis falar, não insisti, mas mesmo assim, o objetivo foi cumprido. Ao finalizar a entrevista, perguntei se ele tinha aprendido alguma coisa nova e sua resposta foi rápida, dizendo que sim, já se retirando da sala para participar da aula de capoeira que já havia começado.

Na última sessão de intervenção psicopedagógica, usamos novamente a entrevista como estratégia de aprendizagem e o participante foi a estrela do dia, a pesquisadora, no papel de entrevistadora, fez perguntas direcionadas aos encontros que tivemos em todas as sessões, aos poucos ele lembrou-se de algumas e esqueceu de outras. Após a leitura de um poema sobre sonhos, iniciamos uma conversa sobre sonhos, se ele tinha sonhos. O objetivo dessa sessão era verificar as perspectivas de vida que um adolescente tem em relação aos seus sonhos, desejos relacionados à escola e à aprendizagem da leitura e escrita, enfim perspectivas de vida.

Foi uma conversa gravada e bem proveitosa, ele estava bem descontraído, falou dele próprio, do que sonhava e o que precisava fazer para realizar seus sonhos. As respostas sempre voltadas para a escola, faculdade e um bom emprego que lhe desse um futuro, de acordo com as palavras de seu pai que segundo ele incentivava-o a correr em busca de seus sonhos.

Ao término das sessões de intervenções psicopedagógicas, ficaram claras que muitas das dificuldades de aprendizagem encontradas em alguns estudantes, infelizmente, não foram percebidas pelo professor no seu dia-a-dia em sala de aula. Essas dificuldades em leitura e escrita são perceptíveis facilmente, cabe ao professor na sua sensibilidade, perceber que nem todos os alunos aprendem da mesma forma, alguns necessitam de mais tempo, de estratégias diferentes das demais e que com um pouco mais de atenção possam ajudar esses estudantes em situação de dificuldade de aprendizagem.

Ressalto nesta pesquisa a importância do trabalho do Psicopedagogo, que tem um papel crucial na intervenção das dificuldades de aprendizagem e de transtornos funcionais específicos, no caso a Dislexia e o TDAH, objetos deste trabalho. Cabe a estes profissionais elaborar as melhores estratégias de aprendizagem e ações que possam ser desenvolvidas visando um crescimento dos estudantes e uma melhora significativa no caso da escrita e da leitura.

## **VI/ Considerações finais**

O seguinte trabalho teve como objetivo discutir a Dislexia, problematizando-a como um dos sérios problemas dentro do sistema de ensino e concluir que a mesma interfere na aprendizagem, na capacidade de leitura, escrita, soletração, bem como a compreensão e interpretação de textos e de atividades que envolvem o raciocínio lógico, nesse estudo apresentamos o caso de em estudante identificado por KSM, que apesar de laudos com Dislexia e TDAH, apresenta sinais de Disgrafia.

Iniciamos esta pesquisa realizando uma entrevista, na qual foram colhidas informações que colaboraram com o desenvolvimento do presente trabalho, o mesmo foi realizado através de avaliações psicopedagógicas que possibilitaram elaborar intervenções psicopedagógicas que objetivaram contribuir para a redução dos sintomas do quadro de transtornos do estudante, como a leitura e principalmente a escrita, após as intervenções psicopedagógicas, ficou nitidamente evidente tratar-se de um problema de grafia.

A pesquisa realizada proporcionou momentos de estudos e descobertas à cerca dos sintomas, das causas, das consequências e a elaboração de situações de aprendizagem em condições específicas. A presença de transtornos, principalmente, na vida escolar podem dificultar o desenvolvimento acadêmico dos estudantes, acarretando prejuízos que poderão ser levados para a vida toda, caso não sejam identificados e trabalhados por profissionais competentes. Dessa forma, evidenciamos a importância do papel do psicopedagogo e do conhecimento à cerca dos transtornos funcionais específicos, no caso o TDAH e a Dislexia.

Nesta pesquisa, salientamos a importância da participação família e o trabalho do professor na escolha das melhores estratégias que possibilitem a identificação dos possíveis sintomas e que possam colaborar para um diagnóstico mais preciso, pois sabemos que quanto mais cedo esses transtornos forem identificados, menor serão os prejuízos acadêmicos e sociais que esses estudantes poderão ter em suas vidas.

Colocamos a família, pelo fato dela ser vista como a primeira instituição responsável pelas primeiras experiências de aprendizagem e socialização de qualquer indivíduo e pela existência da afetividade, entre seus membros, visto que essa afetividade é essencial para a aprendizagem da leitura, da escrita e de outros conhecimentos decisivos para o convívio social.

Os estudantes diagnosticados com transtornos, muitas vezes apresentam baixa autoestima e por não conseguirem se esforçar o suficiente, são rotulados como preguiçosos e incapazes de aprender. Utilizamos a expressão “muitas vezes”, por que no caso deste participante, não demonstrou sinais de baixa autoestima, relaciona-se bem com os colegas, participa das atividades extras oferecidas pela escola em que estuda, demonstra segurança nas estratégias usadas em atividades lúdicas e quanto à sua aprendizagem, está bem preservada, apresenta uma leitura e interpretação satisfatória em se tratando da sua idade e série. Ressaltamos que em relação à queixa dos professores, ou seja, a dificuldade na escrita, concluímos que precisa ser trabalhado de maneira pontual.

A realização desta pesquisa de intervenção psicopedagógica como parte do curso de Psicopedagogia Clínica e Institucional promoveu momentos de estudos, crescimento pessoal, de respeito e aceitação às diferenças individuais dos estudantes que encontramos e iremos ainda encontrar no decorrer da nossa profissão.

Acredito que o profissional em educação deve ter um olhar minucioso, uma escuta apropriada, que devem estar atentos a novos estudos, informações e formações sobre como educar nossas crianças independentemente dos transtornos, ressaltando ainda o apoio da família, acreditamos que trabalhando em conjunto poderão de maneira grandiosa contribuir com ações positivas para uma melhor educação dos meninos e meninas do nosso país.

## VII/ Referências

ABD- *Associação Brasileira de Dislexia*. Tudo sobre Dislexia. Recuperado de [www.dislexia.org.br/](http://www.dislexia.org.br/)

Barkley, R. A. (2002). *Transtorno do déficit de atenção/hiperatividade – TDAH: guia completo para pais, professores e profissionais da saúde*. Porto Alegre: Artmed.

Capovilla, A. G. S., & Capovilla, F. C. (2004). Etiologia, avaliação e intervenção em dislexia do desenvolvimento. In F. C. Capovilla (Org.) *Neuropsicologia e aprendizagem: uma abordagem multidisciplinar*. Recuperado em:

[http://www.ip.usp.br/lance/pdfs\\_para\\_download/Capitulos\\_de\\_livros/Neuropsicologia\\_e\\_aprendizagem/NeuropsicologiaAprendizagem\\_Cap2.pdf](http://www.ip.usp.br/lance/pdfs_para_download/Capitulos_de_livros/Neuropsicologia_e_aprendizagem/NeuropsicologiaAprendizagem_Cap2.pdf)

Capovilla, A.G.S.; Capovilla, F.C. (2002). *Alfabetização: método fônico*. São Paulo: Editora Memnon.

Fávero, M. H. (2014) *Psicologia & Conhecimento*. Subsídios da psicologia do desenvolvimento para a análise do ensinar e aprender. Brasília: Editora UnB.

Fávero, M. H. (2017). *Prova de avaliação psicopedagógica da leitura e escrita*. Não publicado.

Ferreira (1999) Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Ferreiro, E. (1985, p. 42). *Psicogênese da língua escrita*. Artmed, Editora. Porto Alegre.

Frank, Robert. (2003) *A vida secreta da criança com dislexia*. São Paulo: Editora M. Books do Brasil.

Grégoire, J., & Piérart, B. (1997). *Avaliação dos problemas de leitura: Os novos modelos teóricos e suas implicações diagnósticas*. Porto Alegre: Artmed.

Lanhez, M. E., & Nico, M. A. (2002). *Nem sempre é o que parece: Como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares*. São Paulo: Alegro. Brasília: Editora UnB.

Lúria, A. R. (1989) Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: Vygotsky, L.S., Lúria, A.R.; Leontiev, A.N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone.  
Lúria, A.R. (1994). *A construção da mente*. São Paulo: Ícone.

Mahoney, A. A. (2002). Contribuições de H. Wallon para a reflexão sobre as questões educacionais. In V.S. Placco (Org.), *Psicologia & Educação: Revendo contribuições* (pp. 9-32). São Paulo: Educ .

Marques, R. (2001). *Professores, família e projeto educativo*. Porto, PT: Asa Editores.

Massi, G. de A. (2004). *Dislexia ou processo de aquisição da escrita?* Recuperado em <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/11671>

Teixeira, G (2013). *Manual dos transtornos escolares: entendendo os problemas de crianças e adolescentes na escola*. Rio de Janeiro: Best Seller

Oliveira, M. L.S.; & Bastos, A. C. S. (2000). Práticas de atenção à saúde no contexto familiar: Um estudo comparativo de casos. *Psicologia: Reflexão & Crítica*, 13(1), 97-107

Rego, T. C. (2003). *Memórias de escola: Cultura escolar e constituição de singularidades*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Leão, R. [professor]. (2006) Roda de Capoeira de Crianças no Campeonato Liga Japão. Grupo Marília Brasil. Recuperado em: <https://www.youtube.com/watch?v=97SNeVcNLJA>  
Grupo Engenho Salvador- Bahia.(2008) *The best, capoeira Brazil*. Recuperado em <https://www.youtube.com/watch?v=6H0D8Valli0>

Vygotsky, L. S. (1998). *A formação social da mente*. 6a ed. São Paulo: Martins Fontes.

